

Antologia de textos premiados

Poesia – Crônica – Conto

PRÊMIO  
UFF  
DE  
LITERATURA

2007



EdUFF

PRÊMIO  
UFF  
DE  
LITERATURA



# PRÊMIO UFF DE LITERATURA

## Antologia de textos premiados

Poesia – Crônica – Conto



Editora da Universidade Federal Fluminense  
Niterói, 2007

Copyright © 2007 by Universidade Federal Fluminense/EdUFF

Direitos desta edição reservados à EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense - Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - CEP 24220-900 - Niterói, RJ - Brasil - Tel.: (21) 2629-5287 - Fax: (21) 2629-5288 - http: www.eduff.uff.br - E-mail: eduff@vm.uff.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Edição de texto e revisão: Sônia Peçanha

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: José Luiz Stalleiken Martins

Supervisão gráfica: Káthia M. P. Macedo

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte - CIP

---

P925 Prêmio UFF de Literatura – Antologia de textos premiados – Poesia, Crônica, Conto/Universidade Federal Fluminense/EdUFF. Niterói: EdUFF, 2007.

191 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-228-

1. Literatura. 2. Antologia. 3. Poesia, Conto, Crônica. I. Título.

CDD 808-7

---

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

Vice-Reitor: Emmanuel Paiva de Andrade

Pró-Reitor de Extensão: Sídio Werdes Machado

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Humberto Fernandes Machado

Diretor da EdUFF: Mauro Romero Leal Passos

Diretor da Divisão de Editoração e Produção: Ricardo Borges

Diretora da Divisão de Desenvolvimento e Mercado: Luciene Pereira de Moraes

Assessora de Comunicação e Eventos: Ana Paula Campos

Comissão Editorial

Presidente: Mauro Romero Leal Passos

Gesmar Volga Haddad Herdy

Gisálio Cerqueira Filho

Hildete Pereira Melo

João Luiz Vieira

José Walkimar de Mesquita Carneiro

Lívia Reis

Márcia Menendes Motta

Maria Laura Martins Costa

Mariângela Rios de Oliveira

Silvia Maria Baeta Cavalcanti

Vânia Glória Silami Lopes

*Chega mais perto e contempla as palavras  
Cada uma  
Tem mil faces secretas sob a face neutra  
E te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO, 11

Mauro Romero Leal Passos

## TEMOS SEDE, 13

Sônia Peçanha

## POESIA

Um fulcro farol .....	17
Veridina Chiari Gatto	
Vida que segue .....	19
José Carlos Carraro Eduardo	
Recordações da faculdade .....	21
Alba Helena Corrêa	
De uma janela do Teatro do DCE .....	22
Francisco Maciel	
Por ela .....	24
Bianca Ribeiro Lima Ferreira	
Presente .....	25
Taiyo Jean Omura	
Saudade .....	26
Andreia Norberto dos Santos Gomes	
Tudo quanto tenho de ti .....	27
Alfredo Dolcino Motta	
UFF! Despertei .....	29
Lila Marcia da Boamorte Marques	
“UFF” Espaço Avançado .....	30
Lucilia Pacheco de Jesus	
A UFF e eu .....	31
José Carlos Flores	



A UFF em minha vida.....	32
Carlos Eduardo Lana Dalle	
A UFF em minha vida.....	33
Carmozinda Reina	
A UFF em minha vida.....	35
Katia Maria Barreto	
A UFF em minha vida.....	37
Maximiano de Carvalho e Silva	
A UFF em minha vida.....	40
Queila da Costa	
UFF, que saudade! .....	43
Eliani Pacheco de Jesus Oliveira	
UFF, 30 anos .....	45
Carmen Sülzer Brasil	

## CRÔNICA

Reencontro .....	49
Maria Veronica Silva Vilariño Aguilera	
Aqui, nesta sala .....	51
Alfredo Dolcino Motta	
Adeus à UFF.....	53
Israel Blajberg	
A UFF em minha vida.....	56
Elisângela Teixeira Rodrigues	
A UFF na minha vida .....	61
Sônia Palmisciano	
Caminho pós-moderno .....	64
Roberto Bousquet Paschoalino	
Conexão São Paulo – Cine Arte UFF.....	66
Vinícius Dalben Rodrigues	
Crônicas .....	69
Benito Petraglia	

Escola da vida .....	72
Luciana Cavalcanti Sá de Gusmão	
Fui notícia por um dia (Uma façanha fabulosa) .....	75
Eliani Pacheco de Jesus Oliveira	
Livre como um pássaro .....	79
Ceila Ferreira Martins	
Nas malhas da UFF .....	83
Paulo José Figueredo Pimenta	
O outro lado da poça .....	85
Lays Cruz Conceição	
O psiu do despertar .....	88
Rosani Quintanilha Nogueira	
O que a gente leva da vida .....	91
Vitor Padilha Mattos	
Para a UFF eu não volto .....	94
Joedyr Gonçalves Bellas	
Passei no vestibular .....	96
Gracinda Rosa da Costa	
Reminiscências do vestibular .....	99
Waldo Fonseca Temporal	
Rito de passagem .....	102
Fátima Regina Lacerda	
Sonhos e realidades na universidade .....	105
Wanessa Silva Machado Rocha	

## CONTO

Aconteceu por ocasião da UFF .....	111
Joedyr Gonçalves Bellas	
Aconteceu no elevador .....	114
Benito Petraglia	
Vidas Uffas .....	118
Francisco Maciel	

Aconteceu na UFF .....	122
Lucia Elena Ferreira Leite	
Aconteceu na UFF .....	126
Ordilei Alves da Costa	
Apesar de você .....	130
José Carlos Carraro	
Bem à noite .....	135
Alberto Soares	
Coisa de russo .....	139
Ulisses Sawczuk	
Uma crônica entre outras .....	144
Daline Rodrigues Gerb	
Uma história de amor .....	148
Leandro Ribeiro Virginio da Silva	
Mister Duffy .....	151
Carlos Benites	
Nô e Saci de Sainha .....	156
Maria Aparecida S. Coquemala	
9º excedente .....	160
Ramsés Albertoni Barbosa	
Prédio dos sonhos .....	163
Álvaro Luiz Lutterback Dutra Dias	
Prova de latim .....	167
Maria Laura Chicayban Monteiro de Castro	
Querido amigo .....	170
Márcia Rodrigues Pessoa	
A Reitoria .....	175
Eneida Quadros Queiroz	
A servente .....	180
Jaciana de Oliveira Xavier Melquiades	
O significado de algumas palavras tem que ser vivido .....	182
Daniel Cordeiro	
Virgo Campus .....	187
Gêisa Fernandes D'Oliveira	

# APRESENTAÇÃO

*Mauro Romero Leal Passos\**

Ao longo de seus 47 anos de existência, a Universidade Federal Fluminense conquistou um lugar de destaque no cenário cultural do Brasil. Empenhada em se firmar como espaço plural, socialmente referenciado para formação de cidadãos e profissionais críticos e competentes, tem investido em seus cursos e projetos para concretizar sua missão.

A Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF) é um dos setores importantes para a divulgação do saber acadêmico na estrutura da universidade. Por meio de editais anuais, oferece a toda a comunidade universitária – alunos, funcionários e professores – a oportunidade de divulgar suas produções acadêmicas. A editora, no entanto, almeja mais. A realização do primeiro Prêmio UFF de Literatura vem ao encontro desta vontade de conquistar novos espaços de atuação. Ciente de que uma editora universitária pode e deve também divulgar textos literários, a EdUFF lançou o concurso em três categorias: poesia, conto e crônica. Aberto a todos que gostam de escrever, o Prêmio UFF propôs dois temas: “A UFF em minha vida” (para poesias e crônicas) e “Aconteceu na UFF” (para contos).

A grande quantidade de textos recebidos revela que há muitos escritores no país buscando uma oportunidade de mostrar seus textos. A EdUFF junta-se a outros prêmios literários oferecendo mais uma possibilidade para os que buscam realizar o sonho de ver seus textos publicados. Para isso, contou com o apoio da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, responsável pela impressão dos livros

---

\* Diretor da EdUFF.



# Temos sede

Sônia Peçanha\*

Certa vez, perguntaram a Clarice Lispector se ela pararia de escrever. E ela, firme, respondeu: você deixaria de beber água? A sede de quem descobre o prazer da escrita é assim – insaciável. Por isso, o enfrentar do silêncio rumoroso das histórias não contadas à espera do toque sensível de cada um de nós. Daí, como ensinava Drummond, o penetrar surdamente no reino das palavras, onde elas, em estado de dicionário, aguardam o instante de despertar. Escrever. Não há como fugir ao que está inscrito em nós na caligrafia decidida do desejo, na cor sedutora dos sonhos. Viver desta sede é a angústia e o gozo de nosso destino.

A EdUFF, ao lançar o Prêmio UFF de Literatura, saiu em busca de cúmplices desta paixão. No dia-a-dia de uma editora, acompanhamos as diferentes fases da produção de um livro. E sabemos que até o momento de chegar a nós a folha impressa, muito houve de suor, de insônias, de perguntas, de dúvidas. Sabemos dos tantos e tantos bons textos que acabam no exílio de uma gaveta, à espera do susto e da alegria do encontro com um leitor. O Prêmio UFF de Literatura é um convite a que se abram as gavetas, soltem-se as palavras, viva-se o prazer da criação.

Cada um dos autores aqui reunidos traçou por outros caminhos as linhas de seu destino. Cada um tem seus ofícios de ganha-pão, suas filas de banco, suas contas do dia 10, suas listas de supermercado. Cada um tem suas reuniões inadiáveis, o tempo es-

---

\* Revisora da EdUFF, coordenadora do Prêmio UFF de Literatura é autora de *Traição e outros desejos* (contos, Objetiva, 2003).



# POESIA

*A UFF em minha vida*





# Um fulcro farol

*Veridina Chiari Gatto\**

Beira da baía,  
de oníricos pressentimentos  
fez-se UFF em minha vida.  
Continental, fiz-me argonauta.

Fiz-te meu convés,  
não obstante, navego-te em paradoxo,  
mergulho em ti, cravada em ti,  
em tuas profundas institucionalizadas contradições  
onde me dilacero dionisíaca em seu território apolíneo.

Quando me desconstróis,  
sou eu quem ambiciona te desconstruir.  
Na pretensão de fazer gaia tua ciência,  
percorro teus blocos preenchidos de  
senhores bonachões, pedantes: barbas e óculos.  
Rapazes de olhos ávidos, ainda infantes:  
bárbaros ósculos.  
Agudas senhoras, algumas fadigas, meninas em flor.

Eu também estou ali  
historicamente localizada  
em fluxos epistemológicos e herança platônica.  
Alto do quarto andar, observo o pitoresco

---

\* Cursa Psicologia na UFF, monitora de Antropologia.

espetáculo que me propicia o crepúsculo no Gragoatá.  
Por alguns instantes sou toda retina.

Aqui,  
meu espírito fluvial aprende a ser fluminense.  
Sabendo-te meu devir, sabendo-me teu devir  
vamos de mãos dadas nesta dialética.  
E o fardo que é o que te transcende  
é facho de esperança em mim  
de que o material com que me nutres  
não se encerre em teus limites.

# Vida que segue

*José Carlos Carraro Eduardo\**

Vida que segue  
Perdida, sentida,  
Sofrida, doída.  
Vida de gente  
Vinda de longe  
À procura do sonho  
De ser gente melhor.  
Ser aluno da UFF  
É tão importante  
Que, embora distante  
Da formatura,  
Já me acho doutor.

Vida que segue  
Esbaforida,  
Nos bandejeões,  
Nos ambulatórios,  
Nas bibliotecas,  
Nas enfermarias  
Onde sofrem  
Infelizes  
Josés e Marias,  
Pobres doentes

---

\* Graduação em Medicina (UFF), mestrado em Nefrologia (UFRJ), doutor em Patologia Investigativa (UFF). Professor da Faculdade de Medicina da UFF.



# Recordações da faculdade

*Alba Helena Corrêa\**

Quantas recordações guardei na minha mente,  
do tempo em que estudei na Universidade!  
Pensando no porvir, com fé e consciente,  
usei todo vigor e força de vontade.

E, quatro anos depois, recebo o grau – Docente!  
Com a diplomação, chega a oportunidade  
de progredir, levar o que sonhei à frente,  
graças ao que aprendi cursando a Faculdade!

Foi em 54!... À UFF e aos professores,  
devoto gratidão, pois sempre em meus labores  
serviram-me de luz, de esteio e inspiração!

Tudo que consegui, não há nenhum mistério,  
proveio de lutar, doar-me ao magistério  
e um tesouro juntei: o amor à Educação!

---

\* Pedagoga, mestre em Educação pela UFF. Poeta com trabalhos publicados em antologias e revistas.



Os senhores do momento fizeram comícios  
E a multidão ululou entre a praça e o beco.  
Pouca coisa mudou: a ponte,  
Por exemplo, mantém o velho perfil.  
As barcas vêm e vão  
Em vão.  
O mundo trocou as bandeiras  
Vermelhas por um grito verde.  
O bar Natal fechou.  
Os assassinos da solidão andam aos pares.





# Presente

*Taiyo Jean Omura\**

Ufa.

O futuro, meu futuro é o presente  
que recebo da UFF  
embrulhado em fitas feitas de  
tempo e fuga – sob medida.

No começo, hesitei em abri-lo:  
a desconfiança é a última que morre num coração  
mineiro.

Agora, esqueço que sou menino,  
rasgo com vontade, todos os dias,  
o embrulho de papel de sonhos reciclados.

E ao abrir, surpresa!

Vivo num filme universitário brasileiro!  
Meus olhos-câmeras querem descobrir todos  
os mínimos gestos.  
Fôlego, juventude, simbioses a 24 quadros.

Se eu também morrer novo  
sem publicar livro nenhum  
terei feito filmes.

Se o Tejo, o Sena, o Danúbio, o Chico  
não são o Rio que passa na minha aldeia;  
se eu vejo a cena, o distúrbio, e fico,  
é que estou no Rio, onde passa minha aldeia, Niterói.  
Estou em casa  
UFF.

---

\* Aluno do curso de Cinema (UFF) e de licenciatura em Música (UFRJ).

# Saudade

*Andreia Norberto dos Santos Gomes\**

UFF!  
UFA!  
Quatro anos e meio  
Nova Iguaçu – Niterói  
Niterói – Nova Iguaçu  
Espera  
Condução  
Cansaço  
Sono  
Cochilo  
Caminhada  
UFF!  
UFA!  
Colegas  
Professores  
Sala de aula  
Ensino  
Biblioteca  
Acervo  
Pesquisa  
Monografia  
Tensão  
Alívio  
“Canudo”!  
UFF!  
UFA!  
Saudade!?

---

\* Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

# Tudo quanto tenho de ti

*Alfredo Dolcino Motta\**

Tanto tempo aqui passei  
que é como mais tempo  
aqui tivera passado.  
Se a mim busco recordar  
é de ti que sempre me lembro  
como se cada lembrança tua  
te fizesse ainda mais presente  
em mim.  
Tenho-te  
em cada canto da vida  
e mais de ti vida tivera  
se mais vida  
em mim mesmo  
puder viver  
eu vivera.  
O que guardo de ti  
não são os livros,  
nem os trabalhos,  
nem os cursos todos  
nem tudo do tanto muito  
que tenho de ti.  
O que tenho de ti  
é cuidar,

---

\* Graduado em Direito (UFF), Comunicação/Editoração e Jornalismo (UFRJ) e Letras (UFF). Professor da UFF e procurador federal.

ainda que pouco,  
do muito que tens cuidado;  
é fazer,  
pouco embora,  
o tanto que tens feito;  
é pensar,  
mas tão pouco,  
o muito,  
e no muito que tens pensado;  
é ajudar-te,  
eu,  
que ajudar tão pouco posso,  
no muito que ensinas,  
no tanto que pesquisas,  
no tanto muito em que te estendes,  
como quem a mão estende  
a quem precisa  
por si próprio  
caminhar.  
É assim que,  
ao recordar-te,  
faço-te presente,  
a ter-te amiga,  
companheira,  
do sonho maior  
parceira,  
de um novo tempo  
contigo  
começar.

# UFF! Despertei...

*Lila Marcia da Boamorte Marques\**

Andando por teus corredores  
Olhando através das janelas  
Caminhei avenidas internas  
E por entre outras frestas eu vi  
Cresceu no meu peito um amor.

Amor que me liga de vez  
A ti que de um modo me fez  
Pois aí superei meus limites  
E recuperei o respeito por mim.

De longe te trago pra perto  
Te vejo e me sinto aí  
Feliz, sentada à mesa,  
Num banquete de idéias afins.

Sou pingo na tua existência  
E tu és tua alma na minha  
Pois dormindo eu estava em meu ser  
E despertada, agora, assim  
Evoco-te quando vem o sono  
Para que, logo, me despertes enfim  
Antes que eu durma outra vez  
E me esconda aqui dentro de mim.

---

\* Formada em Letras pela UERJ, professora.



# A UFF e eu

*José Carlos Flores\**

A UFF e eu uma grande história de amor  
Que nos anos 60 começou  
Ainda jovem no HUAP  
E de lá pra cá eu me apaixonei.

Depois de 25 anos numa só enfermaria  
Para a faculdade de Medicina, fui convidado.  
Aceitei, com alegria,  
Pois o convívio com os jovens renovou meu dia-a-dia.

Sempre tive chefes maravilhosos, não posso me queixar,  
Mas foi com meu trabalho que consegui meu  
espaço conquistar.  
Quem gosta do que faz bons frutos irá colher  
E minha maior virtude é gostar do fazer.

À comissão julgadora peço desculpas,  
Pois sou leigo em simetria,  
Mas meus versos exprimem sempre alegria.  
Depois de 40 anos aqui,  
A UFF é tão importante para mim quanto a minha família.

---

\* Servidor emérito da UFF.



# A UFF em minha vida

*Carlos Eduardo Lana Dalle\**

UFF em minha vida  
 É aprendizado, educação e alegria.  
 É marco, um porto seguro,  
 Solitude e fantasia.  
 Ufana, afaga e folia,  
 Bandeira que tremula  
 Universidade que o poeta chora  
 Monastério do conhecimento, seleta melodia  
 É rima e poesia  
 Impoluta entre gregos e troianos  
 Irmã da beleza  
 Mistérios que só o magistério alcança o saber  
 Educação, janela e busca  
 Nos girassóis de Van Gogh, a mais bela flor de Niterói  
 Terra de Araribóia herói  
 UFF onipotente, onipresente nas entranhas do coração  
 Foi encanto e surpresa ter sido aluno da mais bela  
 estrela a brilhar  
 No céu do Brasil.

---

\* Cirurgião-dentista, especialista em Endodontia pela UFF. Odontólogo do Hospital Estadual Carlos Chagas.

# A UFF em minha vida

*Carmozinda Reina\**

UFF  
Tanta coisa a acontecer  
Uma luta  
Uma greve  
Um tema político  
Um debate.  
Luta que se perpetua.  
A UFF acontece  
Na minha vida,  
Na minha cidade  
Luta que segue  
Pelas gerações.  
Sou sua filha amada  
Que no aconchego de seus sonhos  
Intelectual me fez.  
Aí encontrei o amor  
Aí marchei para a luta  
A luta da vida que nos transforma.  
Eu ainda frequento seus sonhos  
De música,  
De teatro,  
De cinema,  
A sua arte.  
Delírio.

---

\* Licenciada em Geografia pela UFF, professora aposentada.



# A UFF em minha vida

*Katia Maria Barreto\**

Pudéssemos contemplar-nos, nos veríamos,  
em imagem simultânea, o momento exato  
da lenta constituição do ato-átomo,  
a composição da obra-criatura  
que, com tempo, configura-se.  
Não há espaço em branco  
de vernáculo a vocábulo  
preenchem-se as lacunas  
e o texto – contextualizado –  
toma forma...  
conta uma “outra história” na construção do sujeito  
confrontado com seus vícios e “defeitos”...  
atualizado... com a permissão do passado.  
Sujeito que volta os olhos e reprisa:  
contabiliza as perdas.  
Percebe de dentro para fora  
a manobra sinuosa da leitura, escrevendo, prosaica,  
uma íntima e doce partitura  
de letras sonoras e notas surdas...  
Mesmo com duas décadas de atraso,  
abandonei meu espaço individual  
e ingressei no universo universitário.  
Encontrei-me com teóricos e gramáticos...  
amigos mágicos...

---

\* Licenciada em Letras pela UFF, professora do estado.



# A UFF em minha vida

*Maximiano de Carvalho e Silva\**

Ó Senhor, protegei com as suas bênçãos  
Esta Universidade tão querida  
Que me abrigou em momentos tão difíceis  
Da minha longa vida!

Quando eu a Niterói cheguei da vez primeira  
No verdor dos meus 30 anos de idade,  
Vinha para aulas numa velha escola  
E Universidade ainda não havia.  
Recebeu-nos um grupo de professores mais velhos,  
Que queriam fazer de Niterói  
Um centro mais amplo de estudos superiores,  
Destinado ao maior progresso da comunidade fluminense.  
O acesso a Niterói era em viagens  
Nas antigas barcas da Cantareira  
Que nos permitiam apreciar no percurso  
O entorno das montanhas e os encantos  
da Baía de Guanabara,  
Com as águas não poluídas como hoje.  
O Rio de Janeiro daquele tempo  
Era a cidade maravilhosa quase sem violência,  
E a tranqüila Niterói a que eu aportava  
Me ajudou a embalar os sonhos de estudante e professor  
Em busca de um mundo melhor.  
Nas barcas que nos conduziam,  
Tínhamos sempre bons lugares a nossa espera,  
E podíamos durante a viagem

---

\* Bacharel (1946) e licenciado (1947) em Letras Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Professor emérito da UFF (1998).



Que devem nortear os que nela trabalham:  
A Universidade não pode desconhecer e deixar de dar  
O devido valor ao seu passado.  
A Universidade não pode tratar os seus antigos servidores  
Como peças inúteis e descartadas.  
A Universidade precisa sempre compreender  
Que os seus professores se credenciam ao devido respeito  
Pelas suas atividades em sala de aula,  
Pelo fiel cumprimento dos compromissos assumidos com  
os alunos,  
Pelo empenho de atualizar e aprimorar os seus  
conhecimentos.

Ó Deus, que me destes a suprema graça  
De ter sido professor da UFF  
Me faça ver com amor os que nela continuam a porfiar  
Movidos pela esperança de que há-de chegar o dia  
Em que a educação integral em todos os níveis  
Venha a ter de governantes lúcidos o amparo que merece,  
Sem o que não se resolverão nunca  
Os terríveis problemas da miséria e das desigualdades  
sociais  
Que impedem o verdadeiro progresso do Brasil!





e muita gente a alcançar  
para, quem sabe, poder viver na UFF  
a vontade de se encantar.

UFF! O encanto também passeia aqui e ali  
entre cada olhar.

De conhecer o novo, de pensar, de respirar,  
de saber e de construir a consciência  
do querer.

Querer mais e mais saber, do Cristo, do povo,  
da gente guerreira, brasileira,  
que jamais se desencanta e continua a labutar.

UFF! Nossa história tem alegria, tem lágrima e tem amor,  
tem respeito, dedicação, decisão  
e tem silêncio que desfaz a solidão.

Tem noites de leitura, tem livro na mão  
e vontade no coração de continuar,  
de conquistar e de vencer!

UFF! Aqui tem luz,  
tem consciência que transforma o saber  
e nunca ensoberbece o Ser,  
e transforma gente em gente grande, em gente  
cheia de amor

Gente que dá a mão a um irmão,  
gente que não teme o arado e ama esta nação,  
de alguns nós, de corações sós e de Todos Nós.

Ufa! Essa é a UFF em minha vida!  
E pode ser também na sua vida  
na nossa vida, Caro Leitor!

UFF! Que cresce e se expande  
no solo fértil da Mãe gentil  
no país da terra do sol,  
de gente humilde e feliz,  
de gente valiosa e vitoriosa  
de gente culta e capaz  
de gente da UFF!

UFF! Nossa história vai continuar  
e convido você, venha ter uma história para contar  
é assim a UFF em minha vida,  
relação de prazer, de intensidade,  
de grandeza, de excelência.  
Crescimento, consciência e entrega  
pela busca do saber  
do conhecer  
do sonhar mais e de intensificar.

Intensificar a mente, o ser, a alma,  
intensificar a vida, a luta, a coragem e a fé.  
Ser capaz de trazer a lição junto ao peito  
dentro do coração, pulsando forte e impulsionando  
a fazer acontecer um sonho de paz!

UFF! Ó UFF!

Vejo-a como um grande mar.  
A imensidão que tenho a aprender e me lançar  
que me traz plenitude e a infinita vontade de ser, de crer  
que posso, que vou e que devo ir além... de mim mesmo  
e conquistar-me, descobrir-me, reinventar-me.

UFF! De muitas alegrias  
que melhora  
minha visão  
meu coração  
meu querer.

UFF! Que me traz belos e resplandecentes dias  
e a esperança de que ainda há mais  
nossa história não acaba aqui.  
E esta certeza me encoraja a seguir adiante pela vida  
mesmo que o meu amanhecer seja num céu lindo, azul,  
com punhadados de enfeites brancos de algodão,  
onde estarei  
feliz sobre a UFF de minha Vida!

# UFF, que saudade!

*Eliani Pacheco de Jesus Oliveira\**

Hoje, o que eu não queria  
era sentir saudade...  
Mas foi lendo um certo edital  
que voltei no tempo,  
lembranças da Faculdade.  
Abri meu velho caderno,  
e lá encontrei,  
em meio às anotações  
de uma futura jurista,  
registros já esquecidos,  
conversa de dois repentistas:

Eu queria ter a *posse*  
Do seu corpo sedutor  
Para envolvê-lo em carícias  
Para provar meu amor.  
Possuí-lo eternamente  
Sem perigo de *extinção*  
Mesmo sendo em *usufruto*  
Ou por *usucapião*.

*Que adianta ter a posse*  
*Do meu corpo sedutor*  
*Se eu não tenho o **animus***  
*De ter a prova do seu amor.*  
*Em mim já está residindo,*  
*Em prazo longo, um **locatário**,*  
*Mas pode ser que eu lhe aceite*

---

\* Bacharel em Direito pela UFF.

*Nada formal, temporário.  
Se você quiser fazer  
Comigo um **pacto verbal**  
Tenha muita **patientia**  
Que esperar não lhe faz mal.*

*Patientia não me falta  
E não me fere com a verdade  
Deixe o *animus* por minha conta  
Pois criarei a necessidade.  
Dê uma ordem de *despejo*  
Ao locatário incorreto  
Pois creio não faz bom uso  
Deste excelente *teto*.  
Quando eu tiver a posse  
Você não resistirá  
E se passarão milênios  
E ela não se extinguirá.  
Desculpe se a Economia  
Neste se fez presente,  
Pois pra dizer o que sinto  
Romano foi insuficiente.*

Fecho meu velho caderno,  
boas lembranças, sem fim.  
Deixo no tempo meus sonhos  
quando eu escrevia pra mim.  
Compromissos assumidos  
na profissão, como meta,  
levaram-me a outros rumos,  
não julgo com o coração,  
sou mais jurista que poeta.  
Mas quando lembro da jovem,  
no tempo da Faculdade,  
não posso evitar, sinto a idade...  
hoje, o que eu não queria  
era sentir saudade...

# UFF, 30 anos

*Carmen Sülzer Brasil\**

Por aqui passou uma geração,  
muitas mais hão de passar,  
porque a UFF é uma instituição  
que foi feita para ensinar;  
aqui, se formaram doutores  
que fazem uma carreira brilhante,  
graças aos reitores e aos professores  
encontraram um lugar relevante.  
A UFF já foi criança, adolescente;  
foi e será sempre orgulho desta cidade,  
à sua procura, vem muita gente,  
para completar escolaridade.  
Quanto mais velha, melhor;  
a entidade ganha mais estruturas  
ensinando, com sabedoria e amor,  
esta geração e as gerações futuras.  
Parabéns à UFF e aos seus funcionários,  
classificados federais.  
Merecedores de bons honorários  
e queridos, cada vez mais.  
Muitos anos a UFF completará  
mas este é especial, grifado com tinta...  
No futuro, todos lembrarão  
que a UFF também já foi mulher de 30...

---

\* Atriz, paisagista, poetisa e declamadora.



# CRÔNICA

*A UFF em minha vida...*





# Reencontro

*Maria Veronica Silva Vilariño Aguilera\**

Ela veio dos jardins da Reitoria para o Instituto de Letras, no Gragoatá. Plantio de sonhos em campo fértil, a escultura de bronze me faz parar à entrada do Bloco C, mesmo atrasada para a aula de Francês. Sou refém da arte, devo reconhecer, mas o Dom Quixote à minha frente, nesse momento e nesse lugar, me toma para além da construção artística. Com um cinzel invisível redesenho caminhos.

Era ainda menina quando conheci o nobre espanhol pelas mãos de Monteiro Lobato, com o seu *Dom Quixote para crianças*. Entre as travessuras dos netos de Dona Benta, as artimanhas da Emília e as pipocas de Tia Nastácia, no universo, a um tempo real a um tempo mágico, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, acompanhei as andanças e desventuras do cavaleiro de Cervantes e seu fiel escudeiro, Sancho Pança.

Da estante de livros, em frente à mesa onde escrevo agora, um Quixote talhado em madeira me observa com gravidade. Presente de uma amiga especial, em sua primeira e única viagem à Europa, antes da inesperada, prematura e definitiva partida para o inacessível.

Chamam-no também de O Cavaleiro da Triste Figura, adjetivação de que discordo em parte. Falam da loucura e da perdição em que mergulhou com a leitura dos romances de cavalaria. Mas, já me perguntei, mais de uma vez: e o brilho dos olhos, não conta? Em um tempo de perdas, ele teve sua Dulcinéia, a amada imaginária, e por ela se bateu em duelo. Moinhos de ventos transformados

\* Jornalista e professora, com especialização em tradução.



# Aqui, nesta sala

*Alfredo Dolcino Motta\**

Já há muito que pretendia fazê-lo. E agora, eis-me aqui, nesta Faculdade, onde faz tantos anos concluí meu curso de graduação. Estou no saguão, por onde transitam tantos e tantos alunos. Fico sem saber o que fazer. Vêm-me perguntar: “O senhor está procurando alguém?”. “Não, não, obrigado – só vim rever o lugar onde estudei”, respondo.

Na verdade, não é um lugar que procuro rever, mas sim um tempo que desejo revisitar. Um tempo de muitos sonhos, de esperanças, de tantos projetos – tudo, enfim, que acabou ficando perdido na poeira do próprio tempo.

Vou caminhando pelos corredores desta Casa, que desde pequeno identifiquei como uma Escola – primeiro, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; depois, da Universidade Federal Fluminense. Quando, ainda estudante do então 2º grau, passava por este prédio, dizia de mim para comigo: “Vou passar no vestibular e estudar aí.”

Passei no vestibular, estudei nesta Faculdade, os anos se passaram, mesclando bons e maus momentos, e agora... agora estou aqui, como a esperar que apareçam, de novo, antigos colegas e amigos, especialmente aquela Amiga que foi – ou será que ainda é? – tanto e tudo para mim.

Entro numa ou noutra sala; os alunos ainda não voltaram do intervalo para a próxima aula. Sinto-me impelido, e não resisto, a sentar-me a uma carteira. Aqui, desta carteira, sou definitivamente reintegrado no olhar de estudante – no estudante que saiu daqui pensando que seria capaz de mudar o mundo... e hoje se apercebe de que não foi capaz nem de mudar-se inteiramente a si mesmo.

---

\* Graduado em Direito (UFF), Comunicação/Editoração e Jornalismo (UFRJ) e Letras (UFF). Professor da UFF e procurador federal.

Olho as janelas, que são como a moldura de um quadro de que a natureza, do lado de fora, é a pintura. O quadro-negro, olhado daqui, parece muito maior. Quantos de nós não teremos copiado pelo menos alguma coisa do que estava escrito neste quadro? Nenhuma palavra, nada está escrito neste quadro, do qual costumávamos anotar o roteiro de nossas aulas, os pontos das nossas provas, os temas dos nossos trabalhos.

Há papéis sobre a mesa do professor... Nas paredes, alguns avisos... A um canto, a tela para projeção de audiovisuais...Tudo aqui, nesta sala, me lembra da nossa vida acadêmica, nossas atividades, as muitas disciplinas e os muitos professores que tivemos – até que um dia, de repente, não mais que de repente, como diz Vinícius, tudo acabou. E nos vimos então submersos, de uma hora para outra, naquilo que chamam de mercado de trabalho, como se nós, seres humanos, pudéssemos ser reduzidos a mercadorias, como se pudéssemos ser avaliados pela nossa capacidade de produzir.

A pouco e pouco vão chegando mais e mais alunos. A aula, por certo, começará daqui a pouco. Uma estudante chega até mim e me pergunta: “O senhor é pai de alguém aqui da turma? De quem?”. “Não, não”, respondo-lhe eu, que não tenho filhos. “Não sou pai de ninguém desta turma. Estava só de visita e já estou indo embora. Até logo”, concluo, um tanto sem jeito, como alguém que é apanhado num lugar que não é mais o seu.

A porta, deparo-me com uma jovem, diário e apagador na mão. Sim, só pode ser a professora. Eu a cumprimento, e ela a mim. “Se quiser”, diz-me ela, “pode ficar na sala.” “Não, eu só estava de passagem. Vim ver um tempo.” E acrescento: “Um tempo que está aqui, dentro de mim. Obrigado e boa aula.”

Pode ser que a professora não tenha entendido o que disse, mas, ainda assim, sorriu-me, e é com o seu sorriso que vou deixando, mais uma vez, esta Faculdade, esta Casa, em que provo – e comprovo –, à medida que desço suas escadas e chego à calçada, que o passado, na verdade, está muito mais perto do que aquela esquina, lá adiante, por onde logo passarei.

# Adeus à UFF . . . .

*Israel Blajberg\**

Anos e anos de Universidade... quase que toda vida profissional... era um dia chuvoso do outono. Olhando pela janela, impressão de estar na Londres cinzenta envolta pelo *fog*. A secretária vem avisar: "*O requerimento de aposentadoria foi deferido. Comparecer à Reitoria.*" As nuvens baixas e o dia escuro, como raramente sói acontecer, contribuíam para mais pensativo ainda me fazer, divagando em recordações. As pálpebras pesam.

Era o final da década de 60. Recém-formado, fora aprovado em concurso para a Universidade. Como agora, naquele dia também caía uma chuvinha miúda, aumentando a sensação de dúvida diante do desconhecido. Eram os anos de chumbo.

Um dos assistentes recentemente admitidos entra na sala. Olho para ele. De certa forma, me reconheço neste rapaz. Para aqueles jovens tento passar tudo que aprendi, feliz de ver como brilham os olhos dos novatos, tudo é novidade, mal disfarçam a vontade imensa de fazer, de construir...

Descerrando a cortina do tempo, constato que meus sonhos nunca se desvaneceram. A vida não passou. Cada vez mais me vejo próximo das respostas que há tanto tempo procuro.

Um dia, fui um auxiliar de ensino. Recebido no laboratório pelo velho catedrático com o cigarro no canto da boca. Daquela figura carismática, barriga algo avantajada e já entrado em anos, soube mais tarde tratar-se de um dos ícones da Universidade, pouco

---

\* Engenheiro eletrônico formado pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. Professor da Escola de Engenharia da UFF.

tempo depois aposentado: “Então você é o novo professor? Entre, a casa é sua...”

Ali começava uma vida nova. Animava-me a perspectiva de trabalhar em uma universidade pública. Mal sabia que assumia mais que um simples cargo, tratava-se quase de um apostolado em favor do desenvolvimento do Brasil.

Se me dissessem, não acreditaria. Ali iria passar mais de 30 anos, dedicando à UFF boa parte da juventude, do vigor, da vida.

Como era tudo tão diferente... Não havia metrô nem celulares, a Internet não abria janelas para o mundo... mal havia orelhões...

De posição privilegiada, sentado à mesa isolada num canto do laboratório incipiente, via a UFF evoluir, enquanto mudavam governos, presidentes, reitores, cenários, políticas...

Em não sendo ortodoxo, muito menos religioso, nem sempre pronunciava a prece matinal, agradecendo o retorno da alma ao corpo. Entretanto, nos últimos anos passara a acordar pensando em como era bom saber que daqui a pouco estaria indo para a UFF, enquanto tantos nem emprego tinham. Neste momento fazia uma espécie de prece, agradecendo mentalmente ao Todo-Poderoso, e sonhando com um dia em que todos os brasileiros pudessem ter um emprego assim gratificante.

A secretária volta com o memorando: “*Apresento o funcionário fulano de tal..., para fins de aposentadoria.*” Bem, nada mais havia a fazer, a não ser voltar para casa. Momento furtivo... lenta e silenciosamente caio em mim, não existe mais pressa em voltar para casa, só os da ativa é que vivem correndo pra lá e pra cá.

Trata-se do dia derradeiro, a última vez. Cabelos grisalhos, após tantos anos de trabalho. Parando junto à banca de jornal, um senhor magro e sofrido pede uma ajuda para a passagem. Diz-se que o profeta Elias às vezes deixa o Jardim do Éden, aparecendo na Terra sob a forma de um mendigo para testar a solidariedade humana.

A última passagem pelo portão antes da aposentadoria não é igual às anteriores. Pareço sentir energias mentalizadas dos colegas me acompanhando; nosso trabalho nesta Casa, como uma

das milhares de pequenas peças da engrenagem universitária, valeu a pena!

Mesmo de longe, em cada ato a lembrança da UFF continuará sempre presente e indissolúvel, ainda que apenas uma ou duas vezes por mês vá retornar nos dias de pagamento, a pretexto de receber os proventos, mas no duro mesmo apenas para matar as saudades imorredouras.

Por seu turno, os que ficam sempre sentem um certo vazio quando um colega se desliga da Casa, afinal foram tantos anos de convívio, quase uma vida inteira.

Logo, porém, rostos novos irão surgindo; jovens monitores, servidores, professores, a quem os colegas que se aposentam vão passando o bastão...

De longe olho para o *campus*... O vento parece murmurar um adeus...

Que a Providência Divina continue protegendo a nossa UFF.

Que no horizonte infinito, o céu se torne mais brilhante e mais azul para toda nossa gente brasileira!





Estudei por 14 dias sem parar como uma alucinada, dormindo em todo esse período por apenas 30 horas, mas consegui elaborar o projeto de pesquisa e a monografia, pois tive o apoio e a companhia da amiga Vera, que virava algumas noites na Internet me dando ânimo para não desistir cada vez que pensava em parar ou cada vez que o sono teimava em querer me vencer, ou ainda quando os ombros doíam pelo cansaço. Louros aos que batalham, afinal, depois de galgar o Olimpo brasileiro, ainda sem chegar ao topo, merecia um descanso, até mesmo Deus descansou no sétimo dia.

Outra amiga foi Dra. Stella que leu os meus escritos e mandou a última gota de sangue, esta me pediu para não desistir sem resistir a tudo que se interpusesse no meu caminho, mesmo ao cansaço, ao sono e à vida, assim o fiz.

Que seria do ser humano sem as boas amizades? Têm horas que elas nos sustentam nas costas, ou melhor, na mente, enviando raios com mensagens positivas. Eu recebi todas.

Concluídos o projeto e a monografia era descansar um pouco, retomar a vida infeliz, destituída de quase tudo e esperar o resultado, mas não sem antes ter de enviar o material para o Rio de Janeiro, o qual seria entregue na UFF. Não estando bem financeiramente, tive o apoio de Vera e anonimamente da Dra. Rafaella que instruiu aquela como proceder para entregar o material na data certa. Se continuar escrevendo assim, acabo não elaborando uma crônica, mas um manual de como chegar ao mestrado da UFF, por isso continuemos os eventos.

Minha cabeça andava a mil, mas a vida seguia e eu tinha de seguir com ela, então continuei. Soube do resultado da primeira etapa do mestrado após mais uma normal noite de trabalho, por volta das cinco horas da manhã, por via de um e-mail de Dra. Rafaella, um dia após ter saído na Net, mas que nem mesmo a minha coragem me permitia olhar para saber se havia sido aprovada na etapa inicial. Pura covardia, nem sempre sou assim, mas confesso que tive medo! Atire a primeira pedra quem nunca foi covarde um dia.

Rafaella, sempre portadora de boas-novas em minha vida. Agora teria de retornar ao Rio de Janeiro, era vez da entrevista.

Com muito sacrifício e esforço, com ajuda de minha avó materna e de meu amigo Miguel, tive o dinheiro para chegar até a entrevista. Meu avô, o homem que mais amava na vida, não me ajudou dessa vez, estava muito doente, penso que não tinha mais tanta lucidez para entender o que estava acontecendo na minha vida, nas nossas vidas. Viver é um eterno contraste com a morte, se não é espiritual, são outras formas de morrer, mas eu precisava viver mesmo diante do caos.

Na véspera da segunda etapa, um domingo chuvoso, dormi em Niterói, mas não sem antes tentar descobrir o local onde seria a entrevista. Para descobri-lo, tive a ajuda de Antônio, fiel escudeiro em terras fluminenses. Após encontrar o bloco, nova jornada, agora precisava de um lugar com preço acessível para me hospedar. Depois de ir a vários lugares, em meio à chuva que molhou minha roupa (inclusive a que deveria usar no dia seguinte, tive de ir com uma blusa meio amassada), consegui proteger os livros, a monografia e o projeto que estavam na mochila, consegui, por volta das cinco horas, me instalar numa pousada em frente às barcas. Meu primo Antônio retorna para o Rio após me deixar acomodada, fico sozinha com meus pensamentos que são muitos. A solidão também tem o lado bom na vida, é quando nos encontramos diante do espelho, nessa hora não é possível fugir!

O cansaço da viagem, do Nordeste até o Rio de Janeiro e do Rio até Niterói, além do dia tenso que havia tido, ainda vinha de algumas noites insones por excesso de trabalho e me fez cair de sono, nem o despertador do celular conseguiu me animar.

Despertei por volta da meia-noite. Precisava comer alguma coisa, estava faminta, tinha almoçado por volta das 13 horas. Saí do quarto, falei com o rapaz da recepção da pousada, e ele me disse que era melhor não sair, seria perigoso eu ir à rua àquela hora, mas, se eu quisesse, havia água na geladeira. Peguei uma garrafa e retornei ao quarto. Apanhei um pacote de biscoito que minha irmã Renata me deu quando eu ia saindo de Nova Cruz RN e uma barra de cereal que não havia conseguido comer no avião, foi meu jantar. Veja bem, ainda existem pessoas que reclamam da sorte, tinha um

canto quente para dormir, comida e não estava satisfeita, não consegui pensar que milhares de pessoas desejam exatamente o que eu tinha. É muita hostilidade com a vida, não?

Agora outros pensamentos me vinham à mente, a preocupação com o horário de verão. Na dúvida, pedi ao moço da recepção da pousada para me acordar, deixei a TV programada, pois o dono, um senhor gentil, deu-me o controle para que eu pudesse mudar de canal, e usei para programá-lo para me despertar. Ainda havia TV no quarto, mas a insatisfação do ser humano não conhece limites.

Perdi o sono e ainda estava com fome, o biscoito não me alimentou. Quando consegui dormir, eram quase cinco horas da manhã. Acordei às sete, deveria estar na universidade às nove. Cheguei às oito, tive de pegar um táxi, senão molharia minha única roupa seca.

Durante a madrugada e ainda pela manhã, indagava-me o que a banca me perguntaria, nunca me passou pela cabeça que fariam perguntas sobre a monografia e o projeto, pensei que questionariam sobre os livros lidos, o que aconteceu em parte. Eles foram agradáveis comigo. Ofereceram-me café, eu devia estar com fisionomia de fome, pois também não tinha conseguido tomar café-da-manhã por causa da ansiedade. Ingeri apenas um café puro e saí, recusei a oferta porque tinha de responder às questões deles. Outro aspecto bastante humano, o desejo de ser Deus e adivinhar o futuro, a mente humana não pára, tem movimento semelhante ao do universo.

Desse momento em diante, minha vida estava nas mãos de três anjos ou três algozes, que faziam parte da banca examinadora da UFF. Preferi acreditar que eles eram anjos redentores e que estavam ali para salvar a minha vida e tirar-me do abismo no qual eu estava inserida. Sempre nos colocamos no pior posto, então descí para o abismo, assim seria mais fácil os anjos me salvarem, e o fizeram, a bondade, a equidade e a justiça humana prevaleceram nesse caso.

A entrevista demorou muito na minha opinião, nunca vi tantas perguntas. Saí de lá atordoada, pensei que não seria aprovada e a espera pelo resultado foi uma tormenta, tão grande, que cheguei a sonhar várias noites com aquela cena, com aquela sala, com uma

mesa imensa onde fui entrevistada. O ser humano outra vez e sua péssima mania de insatisfação, ainda bem que há a insatisfação, senão o comodismo teria parado o mundo!

Findos os oito dias, o resultado saiu e eu havia sido aprovada em mais uma etapa, agora vinha a seleção de língua inglesa, na qual eu passei mal durante a prova e não consegui ser aprovada, ainda, mas será outra etapa a ser vencida, pois a UFF já faz parte de minha vida, é minha vida, meu motivo para continuar vivendo.

Enfim, perdi todos os bens, inclusive o meu avô, mas vivo bem e adquiri bens maiores, como novas amizades e conhecimentos distintos. Acredito que cheguei ao topo do Olimpo, espero continuar sorvendo o néctar da sabedoria dos deuses!

# A UFF na minha vida

*Sônia Palmisciano\**

Já faz tanto tempo que às vezes duvido que tenha sido assim mesmo que tudo aconteceu. Mas é assim que a minha memória me conta. Foi lá pelos anos 70, portanto, há mais de 30 anos. Eu tinha feito 18 anos quando me tornei uma universitária e, cada vez me convenço mais: aquela foi a época mais enriquecedora de toda a minha vida. Saí do segundo grau, que ainda era chamado de científico e clássico, onde os alunos eram da mesma faixa etária, da mesma classe social, e entrei num mundo novo, repleto de pessoas completamente diferentes. A impressão é que atravessei um túnel que tinha apenas uma entrada mas diversas saídas.

A minha turma da faculdade foi uma das últimas a adotar o sistema seriado e, sendo assim, os alunos permaneceram juntos durante todo o curso. Foram cinco anos de convivência, desde o primeiro dia de aula até a formatura. Logo depois foi implantado o que hoje conhecemos por sistema de créditos que conseguiu dismantelar esse convívio contínuo e acabar de vez com as famosas “turmas da faculdade”.

Lembro que a minha turma era um grupo bastante diversificado. Existiam alunos de todas as idades, desde os 18 até os 65 anos. Sim, é verdade, havia uma senhora, gordinha, de cabelos brancos presos num coque e que mais parecia nossa avó do que nossa colega. Mas era dela o caderno mais cobiçado pelos preguiçosos quando precisavam tirar xerox!

---

\* Psicóloga, premiada em diversos concursos literários.

Havia também pessoas de todos os estados civis: solteiros, casados, desquitados – o divórcio ainda não existia legalmente. Eu nunca tinha convivido até então com uma pessoa separada. E eu descobri que era uma pessoa igual a qualquer outra.

Havia ainda as várias opções sexuais: homens, mulheres, homossexuais e até, os ainda indecisos. Eu nunca tinha convivido com um homossexual. E eu descobri que era uma pessoa como outra qualquer.

Além disso, havia representantes das diferentes classes socioeconômicas: alunos bastante ricos e também aqueles que precisavam trabalhar para manter-se na faculdade. Eu nunca tinha convivido com alguém que tivesse muito dinheiro. E descobri que era simplesmente uma pessoa igual a qualquer outra

Talvez tenha sido essa mistura de histórias e esses contrastes que tenham feito com que a aprendizagem tivesse ido muito além das aulas e do conhecimento acadêmico. De um momento para o outro, passei a conviver com o heterogêneo e pude compartilhar de vidas sendo vividas de formas muito diferentes. E assim ia percebendo as diversas possibilidades do sexo, das drogas, do engajamento político. Entre nós havia os que gostavam dos Beatles, outros, dos Rolling Stones e ainda os mais radicais, que defendiam ferozmente a MPB.

Vivíamos dividindo nosso tempo entre as salas de aula, os bancos dos jardins daquele antigo prédio e as incômodas cadeiras da cantina. Mas era fora da sala de aula onde mais se discutia o futuro do mundo, onde eram planejadas as mudanças que iríamos fazer na sociedade e como concretizaríamos os tantos sonhos que sonhávamos juntos.

Meu Deus! Como discutíamos, como discordávamos! As palavras saíam de nossas bocas com veemência, força e doçura. Quanta esperança habitava em nós! Em nós conviviam com a mesma intensidade a alegria, a seriedade, a ironia, o medo, a repressão.

E junto a tudo isso ainda éramos capazes de brincar, brincar com tudo isso. Lembro que um dia a turma combinou que todos iriam à aula vestidos somente de preto, roupa e sapatos, tudo preto. Numa

outra ocasião, decidiu-se que iríamos de branco. E sem demonstrar qualquer surpresa, respondíamos aos professores intrigados quanto ao que estaria por trás daquilo: É um protesto? Um aviso? Não, foi apenas uma coincidência.

Depois ficávamos horas seguidas rindo daquelas brincadeiras ingênuas e repletas de significados.

Hoje, depois de tanto tempo, continuamos a nos encontrar, pelo menos uma vez por ano. E, de novo, voltamos a rir juntos, matamos as saudades e aproveitamos um pouco mais a companhia uns dos outros.

Claro que alguns de nós se perderam por estranhos caminhos, outros partiram para sempre. Alguns concretizaram parte daqueles sonhos, outros foram abandonando-os forçados por alguma circunstância. Alguns desistiram, outros persistiram. Alguns ficaram famosos, outros caíram no esquecimento.

E eu, talvez por ser um desses estranhos seres que acreditam que sonhar é apenas mais uma necessidade, pedi reingresso na faculdade. Outra área de estudo, outro curso, outro momento de vida. Mas que ninguém nos ouça: eu passei numa papelaria e comprei um caderno novo, uma caneta e uma lapiseira. Só não sei qual a cor da roupa que devo usar amanhã, no meu novo primeiro dia de faculdade.





seus olhares que não duram meio segundo mas que dizem tudo; eis o que eu chamo de temporalidade permanente, e pouco me importa se o nome não é bom – ao menos é bonito. Tu, leitor desafortado, podes nomeá-lo como quiseres.

Ah, mas tu, gramado de passagem, não és senão uma pouquíssimo utilizada alternativa gramínea à irregularidade dos paralelepípedos que nos levam ao bandeirão. São solitários os pés que te pisam; tu só conheces a linha reta: ninguém vaga despreocupadamente sobre ti. Chamei-te de local de passagem, mas antes que tu te dês a elucubrações sonhadoras, teu caráter de passagem não tem um mínimo de beleza ou importância, tal como o têm, por exemplo, os ritos de passagem; também não tens – e desculpe arrasar tuas pretensões – o mais mísero e tênue fio de metáfora de que goza a ponte, ou outros meios de passagem, pois tu não constituís ligação entre nada: tu não és ponte para nada, não és o caminho redentor que se deve trilhar para alcançar a glória, não, não és nada disso, és um irritante gramado que se interpõe recalcitrantemente entre os blocos N e O e a rua. E só. Não há como romancear ou encobrir com metáforas esta realidade miserável. Só te pisam com a única finalidade de deixarem de te pisar; não há convescote, conversas, balípedo, balé, diversão ou descanso sobre tua pele verde.

Há também um marco de dominação, além de teu gramado plantado e tuas árvores mal distribuídas por mãos humanas: um relógio de sol que não funciona durante parte do ano. Adorna-te, como uma cicatriz de concreto em tua verdura artificial.

Sol a castigar; pés que te usam; concreto que marca (mancha); sem vozes, sem rito, sem gente (pois não cantam, não falam, não riem quando sobre ti: és o espaço que os separa da vida); és mero e inconveniente pedaço de terra a ser transposto (Tua agonia é a agonia pós-moderna da passagem, fluidez em que nada cria raízes).

# Conexão São Paulo – Cine Arte UFF

*Vinícius Dalben Rodrigues\**

Niterói era a baía de Guanabara. E o bar Chalé. E o Cine Arte UFF. Ou o contrário. Ou não, pouco importa, este é mais um daqueles típicos exemplos em que a ordem dos citados nada modifica. Eles formam o que chamo de triângulo cultural-etílico-embasbacador, o que dispensa explicações.

São estas as minhas lembranças da cidade de que tanto gosto. Explicações foram dispensadas acima, mas tenho uma crônica sobre a UFF pela frente. E vou logo modificando as conclusões: chegando a uma simplificação ainda maior, na verdade, pensando bem mesmo, Niterói era para mim aquele quadro pendurado na livraria da EDUFF, no qual eu podia ver a programação do Cine UFF.

Confesso que, como todo forasteiro, mantinha uma visão superficial sobre a cidade, mais ou menos como aquele que elege alguns pontos turísticos e diz “eu conheço Paris” ou “eu conheço a Namíbia”. Porém, aquele quadro representava o meu ponto de contato com a cidade, era o símbolo que precisava avistar quando chegava: era a indicação de que aportara em Niterói.

Passava as férias na cidade, feriados também, e alguns finais de semana. Minha mãe havia se mudado para Niterói e gostei do lugar desde a primeira vez. Lembro-me de ter visto o anúncio na

\* Aluno do curso de Farmácia-Bioquímica.

EDUFF, era um filme de ficção científica. Creio que estava com minha ex-mulher (ou não?, talvez já estivesse separado) e, enquanto ela ficou com minha mãe, fui ao Cine UFF sozinho. O cinema impressionou-me mais que o filme; não, não era por sua infra-estrutura, não era pela pipoca, não era pela tão-consagrada-hoje-em-dia-sala-stadium (sacrilégio!): era, simplesmente, pela oportunidade de assistir aos filmes que admirava em um endereço tão próximo da casa de minha mãe. E, principalmente, pela chance de ir a um cinema não-comercial, fora de São Paulo, minha cidade, mas numa cidade que começava a ser depositária de minha adoração, Niterói. Recordo-me também de outra ocasião na qual fui assistir a *Boleiros* – um filme tão paulista! – desta vez já sem minha ex-mulher (ou não??): buscava o aconchego da sala, um local que pouco conhecia, mas que já me conquistara. E voltei àquela sala do Cine Arte UFF outras vezes...

Sem contar as ocasiões nas quais passava em frente ao letreiro da EDUFF e constatava: SEM PROGRAMAÇÃO. Ou algo parecido. As letras eram garrafais, assim mesmo, pois eu estava em Niterói e queria entrar naquele cinema! E não foram poucas estas vezes já que era comum estar em Niterói na semana entre o Natal e o Ano-Novo, quando a programação é interrompida. Mas eu vinha de tão longe para prestigiar o Cine UFF, que injustiça! É, e daí vem a afirmação: “Niterói era o quadro de programação pendurado na EDUFF”. Em São Paulo, quantas vezes não pensei naquele letreiro e imaginei: “Ah, se estivesse em Niterói!”. Numa determinada época, lembro-me que até cheguei a pensar em transferir meu curso de graduação para a UFF...

E também havia os momentos em que estava no bar Chalé e ficava olhando o cinema. Algumas vezes, acabara de sair de uma sessão no Cine UFF e tomava meu chope; em outras, aguardava o horário do filme bebendo chope e comendo bolinho de bacalhau. E sentado no Chalé contemplava a fachada do prédio da UFF, o relógio... Bem, mas como a crônica é sobre a UFF e não sobre o Chalé, talvez seja melhor citá-lo apenas como “aquele bar em frente à UFF”. É mais conveniente, politicamente correto, apesar de odiar o corretismo desta política...

Agora volto a Niterói e encontro-me sentado naquele bar localizado em frente ao Cine UFF, após ter caminhado pelo calçadão. Redigi uma crônica em três lugares diferentes – São Paulo, Niterói e Rio – cidades que constituem, atualmente, minha tripla naturalidade. O tema da crônica é a UFF e daqui a pouco irei entregá-la no outro lado da rua. É claro que não se trata de algo muito grandioso, nada disto, é apenas uma pequena homenagem.

# Crônicas

*Benito Petraglia\**

A partir de 24 de maio de 1982, a UFF entrou na minha vida. Não conto os anos de vida estudantil, e nem muito menos as circunstâncias de usuário eventual dos serviços de suas Unidades, como o Hospital Universitário, o Cinema ou a Livraria.

A percepção de um vínculo verdadeiramente vital, de formar um só corpo com a Universidade apenas ocorreu quando passei a fazer parte de seus quadros funcionais. Não que não seja possível estabelecer o mesmo vínculo sob a condição de estudante ou de usuário. De resto, tudo sempre dependerá da impressão que uma experiência significativa produzir em cada pessoa.

O propósito desta crônica, no entanto, não é transmitir uma experiência subjetiva a respeito de um episódio específico, mas conferir um tratamento, por assim dizer, institucional à minha relação com a UFF. Sacrifico, então, o fato memorável, porém episódico, isolado e particular em favor de relações permanentes, integradoras e coletivas. A boa moral pede que se ponha a coisa pública acima das pessoais. Ou melhor, nesse caso, para os fins da crônica, a primeira é matriz geradora das segundas.

Mas, se é assim, em que se distingue uma organização como a UFF de qualquer outra – um supermercado, um banco, uma padaria, um shopping, uma fábrica, um cassino? Também elas cumprem certa função social.

O que torna uma organização como a UFF incomparável são os arraigados e múltiplos compromissos com a região em que se

\* Funcionário da UFF e aluno do mestrado em Letras da UFF.



Não atino com as razões do fascínio. Tudo nela se transformou: sua voz, suas palavras, seus juízos, seus gestos, sua aparência inicialmente inexpressiva ganharam um poder de sedução irresistível. Minha alma entrou em comunhão com a dela, se amigou com a dela, e era como se a conhecesse desde a Roma de Cícero. Não posso determinar o transcurso mágico daqueles momentos. A escala física do relógio é incapaz de medir tais momentos. Duram o tempo sem tempo do enlevo.

Tudo terminado, levei-a até o ponto do ônibus. Morava em Botafogo. Depois que ela subiu no 996 e sumiu, e partiu para o nada, ouvi a voz do corvo de Poe – “never more!” Foi-se embora minha princesa na carruagem de lata. Essa é a sina dos corações tímidos, pensei comigo – não conquistam ninguém. Não, consolou-me um amigo – é a eterna e pungente assimetria dos corações: quando um quer, o outro é indiferente.

Ah, se ela fosse louca por mim, inventava um sapatinho de cristal que coubesse no seu pé e viveríamos felizes para sempre.”





Saímos todos juntos, estávamos mais para membros de um arrastão do que para futuros dentistas. Cada um escolhia o melhor ponto para ficar: sinais de trânsito, esquinas movimentadas, pontos de ônibus. Enfim, procurávamos locais onde a colaboração fosse boa e não houvesse concorrência, ou seja, não houvesse outros novatos à procura de uns trocados.

Fiquei em uma calçada do centro da cidade, uma das mais movimentadas. Entre umas moedas e outras e até mesmo algumas notas, que eram raras, porém causavam uma enorme satisfação, descobri que, um pouco mais atrás de mim, havia uma outra menina, mais ou menos da minha idade. Ela também estava descalça, porém não estava pintada, sendo assim, não consegui identificar o curso que ela fazia.

Fiquei naquele ponto por algumas horas. Durante todo este tempo, percebi que, enquanto o meu copinho se enchia de moedas dadas ao futuro do país, o da menina do curso não identificado quase não tinha recebido atenção, nem mesmo uma palavra de reconhecimento pelo esforço, como um parabéns! Muito pelo contrário. Muitos a ignoravam, quando não preferiam mudar de calçada a passar perto da menina da faculdade sem nome.

Passadas algumas horas, alguns veteranos chegaram para recolher o dinheiro que eu havia, com muito custo, conseguido. Eles traziam também meus sapatos para que eu pudesse, feliz, voltar para o aconchego do meu lar. Foi então que percebi algo estranho. Reparei que, embora já entardecesse, ninguém havia chegado para recolher o dinheiro da menina que pedia atrás de mim. Enquanto eu colocava meus sapatos, ela sumira. Olhei à minha volta, e percebi que ela havia atravessado a rua em direção a uma padaria que ficava em frente, e já entregava as míseras moedas, recolhidas após todo aquele tempo, ao caixa. O homem tomou de suas mãozinhas tão magras as moedas. Em troca, ela recebeu pão e leite. Caminhando lentamente, os pés ainda descalços, segurando firme sua caixinha, para minha surpresa, ela voltou para a mesma calçada, dirigindo-se a um canto perto de um muro, onde duas crianças a aguardavam ansiosamente.

Naquele momento, descobri que curso a menina realmente fazia. Descobri ainda que aquele não havia sido seu primeiro dia, e que provavelmente também não seria o seu último. Para ela, aquela era apenas mais uma segunda-feira. Para mim, era um dia especial. Eu havia dividido a mesma calçada com aquela menina, conseguindo mais atenção que ela. Eu havia dividido a mesma calçada com aquela menina que provavelmente já havia tido tantos sonhos quanto eu. Eu havia dividido a mesma calçada com aquela menina que, embora jovem como eu, já tinha dois filhos. Neste instante, então, tive minha primeira lição universitária ao descobrir que a menina fazia o curso dos miseráveis na escola da vida.

O dia amanheceu como apenas mais uma segunda-feira. Mas não era uma segunda-feira qualquer. Era um grande dia. Meu primeiro dia de aula em uma faculdade pública cursando Odontologia.

# Fui notícia por um dia (Uma façanha fabulosa)

*Eliani Pacheco de Jesus Oliveira\**

Doze de maio de 1976. Acordei cedo demais. Despertei meu corpo que insistia em continuar dormindo. Era sempre assim, mas aquela manhã prometia e assim saí da rotina diária. Ao levantar, eu costumava “enrolar” não só as cobertas, mas também o meu irmão, pois quem chegava primeiro à cozinha ia à padaria comprar pão. Nesse dia, adiantei-me para a execução dessa tarefa; estava ansiosa para passar pela banca de jornal, que ficava na calçada, à porta do nosso prédio.

Eu cursava o 5º semestre na Faculdade de Direito da UFF. Na véspera, durante a aula de Direito Penal, havíamos realizado um júri simulado, cujo julgamento se referia à omissão dos pastores David Miranda e Laércio Paulo das Neves no socorro de centenas de pessoas que se atropelaram para um culto de cura, prometida pelos religiosos. O evento ocorreria na inauguração da igreja Pentecostal Deus é Amor, no bairro de Neves, São Gonçalo. O templo estava localizado em frente a uma praça; na verdade, era um galpão de antiga oficina, com uma grande placa onde se lia: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, tudo isso se vê na obra ‘Deus é Amor’.” Como a “promessa” era de cura, a maioria dos presentes se apertava entre cadeiras de rodas e muletas,

---

\* Formada em Direito pela UFF e premiada em diversos concursos literários.

ocupando um espaço além do que o coberto poderia abrigar. Bem cedo a igreja já estava lotada e os que iam chegando acomodavam-se além do portal, no aguardo do grande momento. Os pastores se aproximaram de carro e seus “assessores locais” logo os avisaram de que era impossível entrar na igreja pelo adro, seu único acesso. Surgiu, então, a brilhante idéia de ocuparem a varanda do terraço de uma casa ao lado da praça, para a realização do culto. Do lado de fora, logo se espalhou a notícia da chegada dos pastores, “fazedores de milagres”, e do lado de dentro foi anunciado que o culto seria ao ar livre. E a grande tragédia se deu. Os que estavam ao largo da praça não mediam esforços para entrar no galpão; os do lado de dentro, com o anúncio de que a celebração seria na praça, movimentaram-se para a saída. O saldo desse encontro de pessoas e desencontro de informações foi de 20 mortos e dezenas de feridos.

Os pastores, ao perceberem o caos instalado, entraram no carro e fugiram, de mãos limpas, abandonando todo o rebanho à sua própria sorte. A notícia saiu em todos os jornais de circulação na nossa cidade e o professor de Direito Penal, Emílio do Carmo, propôs à minha turma um júri simulado sobre a questão, aplicando assim a matéria em estudo.

Fui indicada para a promotoria e aceitei entusiasmada, pois havia lido tudo sobre o assunto. Aprofundei minhas pesquisas, extraindo informações das matérias de jornais que dissecaram a vida religiosa dos acusados. Os réus foram enquadrados em vários artigos do Código Penal. Para mim era pouco, eu queria mais. No dia do julgamento, esmucei doutrinariamente a letra da Lei. Não foi difícil convencer os jurados da culpa imputada aos pastores, pois toda a platéia era juridicamente capaz para condená-los. Os acusados já respondiam a outros processos. Narrei as práticas vividas em situações idênticas e outras de sonegação de impostos, ações trabalhistas e depredação de logradouros públicos com excesso de pessoas em cultos religiosos. Quase por unanimidade os réus foram condenados por homicídio culposo, prática de curandeirismo e forma qualificada de perigo comum. Após a terrível consequência de vidas perdidas e vários feridos, ainda trouxe um agravante: no processo real, mais

tarde, soube-se que os pastores sequer foram indiciados, por falta de provas. Para serem responsáveis pelos homicídios e lesões corporais os “enviados de Deus” não precisavam ter sangue nas mãos. Eram poderosos, e esse tipo de “milagre” eles sabiam fazer.

Durante o julgamento, percebi a presença de algumas pessoas estranhas à turma e, ao final, fiquei sabendo que eram uma jornalista e um fotógrafo do jornal *O Fluminense*. Com meus pares respondi a algumas perguntas e fomos informados de que talvez, no dia seguinte, saísse publicada a matéria. Fiquei excitada. Qualquer notícia sobre o que havia ocorrido durante aquela inesquecível aula teria de ter meu nome incluído, considerando o resultado alcançado. Sussurrei no ouvido do colega “juiz”: “Nossa!! Meu nome no jornal, por menor que seja a coluna, vou guardar para meus netos...”

E o dia seguinte chegou. A caminho da padaria, fui pensando: “Será que a matéria saiu? E o meu nome, será que escreveram com ‘i’ no final? Peço emprestado o jornal ao amigo jornalista, dou uma olhadinha, e quem sabe...?” Nem foi preciso tal estratégia miserável. A curta distância, avistei o jornal pendurado, e lá estava eu, ao lado dos colegas numa foto enorme, na primeira folha, metade da página, abaixo da manchete “*MISTICISMO – ESTE JÚRI CONDENA OS PASTORES*”, com um breve texto sobre a tragédia. Na parte inferior da primeira página, aparecia Silvio Santos, no início de sua carreira, numa foto bem menor que a minha, anunciando dia e hora para a sua TV, o Canal 11, entrar no ar. Na página 16 do mesmo jornal, foto da turma inteira, introduzia todo o “julgamento”, inclusive minha fala, como “promotora” e entrevistada. O jornalista veio em minha direção e disse: “Se eu soubesse que você ia estar na primeira folha do jornal eu teria pego o triplo de exemplares, pois todos os moradores do prédio que passaram pela banca compraram o jornal. Só sobrou esse aí em exposição, e eu nem vou lhe cobrar, estou orgulhoso de você.”

Esqueci o pão e voltei correndo pra casa abraçada ao jornal. Acordei meu irmão e minha mãe e mostrei, ainda em estado de choque, a jovem mais famosa da casa. A propósito, meu irmão, na época, era tenente da Polícia Militar, e, por gracejo, disse que

nem roubando para vender a própria arma ele teria seu retrato na primeira folha de um jornal!! E eu ali, mostrando que, mesmo simuladamente, fizemos justiça ao condenar os réus.

Há de existir um outro julgamento para os culpados que, pela lei dos homens, saem ilesos.

Guardei o jornal que, hoje bem amarelado, serviu para falar da “UFF em minha vida”, porque, graças a essa querida instituição, fui notícia por um dia.

# Livre como um pássaro

Ceila Ferreira Martins\*

...so free...

Lennon, McCartney, Harrison, Starkey

Quantos dias irão passar para que eu descubra os seus sentidos?

Harpa de finas cordas... Tessitura sutil e aveludada...

Quantas horas terei ainda de esperar para conhecer todo o sabor da sua alegria?

Canto imaginário! Esconderijo de um poema (talvez) de sete faces. (Talvez sem face alguma.) Mas como saber? – Trouxeste a chave?

– Ah... Demora, mas não tarda: a pergunta. A pergunta, a que todos nós podemos adiar, mas a que não podemos fugir. *Never more. Never more. Never more.* (O relógio na parede marca.) – Trouxeste a chave?

Palavra iluminada... Longa estrada que vai dar aqui, precisamente aqui: hoje, 2007, o tempo presente, espaço do agora formado por muitas histórias.

Ah, a Vida pode ser livre como o céu é azul e amplo de possibilidades. (Vejam as nuvens. As nuvens formam tantos desenhos.)

Escrevo, não do alto de uma torre de marfim velha e desgastada, mas do quinto andar do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Talvez eu pareça um tanto quanto gentil e delicada. Sim, talvez. Talvez por não ter perdido o hábito de andar – sempre

---

\* Professora de Crítica Textual do Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da UFF.



que posso – descalça, com os cabelos ao vento. Sim, é bom. É bom ter prazer em plena luz da manhã. Mas, como ter prazer diante da tempestade anunciada? Como ter prazer diante do andar vago e sombrio, que se arrasta pelas ruas da cidade. São homens, são mulheres, são crianças que parecem testemunhas das palavras do poeta: “Enquanto houver burguesia, não pode haver poesia.” Sim, talvez. Porém, burguesia é palavra praticamente banida nos dias de hoje. Sim, palavras são banidas, esquecidas, abandonadas, silenciadas. É preciso que haja quem as escute, as compreenda, as recupere e as traga de volta à vida e à boca dos homens, das mulheres, das crianças para que as palavras voltem às praças, às ruas, ao coração da língua. Sim, é preciso amar as palavras. De coração.

Do alto do quinto andar em que me encontro, trabalho com o que gosto: recupero palavras do esquecimento. Palavras que tiveram seus sentidos alterados com o passar do tempo. Palavras que foram deixadas de lado como amantes abandonados... Ah... eu sei. Vocês sabem também. Trabalhar com o que se gosta, neste país, é quase que obscuro. É quase que ilícito, desde o princípio dos tempos, nestas terras, que já foram chamadas de Santa e de Vera Cruz.

Desde o princípio dos tempos, é difícil (e como!), neste país, ganhar o pão de cada dia e não perder a poesia nem o brilho dos olhos... E nós sabemos, caro leitor, o quanto alimenta a alma – e o corpo – trabalhar com o que se gosta. Ah... tem poesia: trabalhar com o que se gosta... E a poesia é tão verdadeiramente essencial à vida que os cientistas, mais dia menos dia, virão a público para dizer: “Sem poesia não é possível haver vida na face da Terra.”

Bem, aqui, do quinto andar do Instituto de Letras da UFF, já lhes disse, não estou encerrada numa torre de marfim. Não. Não estou. Se eu daqui do alto não posso ver a rua, posso ver o mar. Daqui de cima, do quinto andar, vejo as barcas, que vêm e que vão, e imagino as pessoas, que nelas viajam, com suas múltiplas histórias. E não deixo também de enxergar o mar que poderia ser para sempre límpido e renovado. E o movimento, e o movimento das águas que me faz lembrar os gestos, os gestos mágicos do malabarista que, no sinal de trânsito da esquina, tenta ganhar a vida livre como um

pássaro numa gaiola (porém, seus olhos – lembro-me dos olhos do malabarista – brilham mais do que as tochas que ele tem nas mãos). Sim. O brilho nos olhos do malabarista é quente como é quente a matéria de que é formada a palavra. E seus movimentos, os movimentos do malabarista, assim como as palavras, guardam o ritmo do coração da Terra.

A terra. É preciso lavrar a terra como é preciso alimentar quem tem fome. Todos os dias. Todos os dias, trabalho. Trabalho com as palavras como quem semeia um campo para sempre fértil e florido e cheio de frutos. E o que será para sempre fértil e florido e cheio de frutos? A palavra, talvez a palavra. Mas a palavra não vive sozinha e não surge sozinha. É preciso alguém para dizê-la, ou escrevê-la, ou mesmo lê-la, divulgá-la e traduzi-la ao longo da História. E por trás de tudo o que vive – e o que não vive – há uma história.

Uma história... Ah... As palavras. As palavras contam muitas histórias, guardam sentidos e musicalidades raras. São, por vezes, inconfidentes e indiscretas. Outras vezes, sepultam segredos como verdadeiros túmulos. E trabalhar com as palavras é como viver um pouco a vida dos que viveram antes de nós. É resgatar parte de um grande tesouro das mãos de Cronos. E como escreveu uma prestigiosa filóloga italiana, trabalhar com as palavras é tentar romper o ruído do tempo. Mas o que é romper o ruído do tempo? Sinceramente, o que vocês entendem por piparote, vultarete, obra de seis credos, arcanjos de Milton, carneiros de Panúrgio? Ah, vocês saberiam dizer-me precisamente do que se trata? Talvez sim, talvez não. Se não souberem explicar, acabam de sentir na pele, como quem experimenta a sensação de ter frio, o que é o ruído do tempo. E por falar em ruído do tempo, daqui do quinto andar do Instituto de Letras, diante da vista do céu espelhado na Baía da Guanabara, consulto, com a ajuda de meus colegas, dicionários da língua portuguesa das mais variadas épocas. E através das páginas cristalizadas em formato de livro ou em forma de texto digitalizado e exposto na tela de um computador, percorro universos que não cheguei a conhecer em presença, mas que posso vislumbrar e imaginar graças à pesquisa, à leitura e graças também ao trabalho de um grupo de pessoas que

teve o cuidado de preservá-las e de transmiti-las até esse ponto da História. E cada palavra que leio – ou que é lida por um de meus colegas para depois ser passada a todos os demais membros da equipe – é um passaporte em direção a muitas viagens de descobrimentos e uma chave para compreender como viviam homens e mulheres no passado; que roupas usavam; que hábitos tinham; quais eram os seus problemas, as suas paixões; que livros liam; como era a cidade de outrora e muito, muito mais...

Através do meu trabalho, aqui na UFF, apesar de não sair praticamente desta sala, sou tão livre como um eterno viajante. Sou tão livre como o fogo que brilha nos olhos do malabarista da esquina, livre como um pássaro alçando um largo vôo.

# Nas malhas da UFF

*Paulo José Figueredo Pimenta\**

Poderia remover as camadas de tintas que, com o passar do tempo, moleque, ridículo, indomável corcel....! Poderia escovar as memórias, sabendo muito bem da ficção do eu do ontem, na constituição indelével de um sujeito presente-passado. Afinal o difícil chegar ao *instante-já*. Mas esta é outra estória... *Se você não sabe o que é a paixão, o amor, então tranque a matrícula e vá viver*. Esta frase – dita por um professor aproximadamente no meio do curso de Letras – à época em que estudávamos *O Banquete* pareceu-me estranha, e não dispunha – talvez de experiência – para entender sua profundidade. Conhecia, antes de entrar na UFF, as *lingeries* da linguagem, as coxias das discussões teórico-gramaticais. E veio logo a paixão pela Linguística: esse era então o jovem rapaz que sonhava com o doutorado nessa área, transpirando gramática. Essa frase ficou, afinal já se vão quase 16 anos do término da graduação. Não atinava com a íntima relação de literatura e vida (que me desculpem os críticos defensores do autotelismo). Outra frase, dita por uma professora, se não falha a memória, por ocasião da análise de *Iracema*, sobre o gozo da mulher: *O homem goza e precisa de um tempo para refazer-se e mulher – esplendorosa – continua pronta para prosseguir no seu prazer*. Nessa época, ainda não me despertava para os estudos de gênero, era, antes de mais nada, gramático e linguísta.

Por que engendrar o texto a partir dessas reminiscências? Poderia discorrer sobre inúmeros autores estudados, os incontáveis trabalhos monográficos realizados em todas as disciplinas oferecidas, poderia discutir alguma teoria de antes que se mantém ou matizá-la

---

\* Licenciado em Letras pela UFF, mestre em Letras pela UERJ, funcionário público federal e escritor.

e atualizá-la. Não – na busca de deixar meu carinho expresso pela Universidade que me acolheu e que – creio – ocorreu em mim o oráculo de um professor de Filosofia – *Não passe pela Universidade, deixe a Universidade passar dentro de você.* Mas estarão os leitores se perguntando sobre a eleição das frases, que, em moto-contínuo, reúnem subjetividades tanto dos docentes, quanto dos discentes. Em relação à primeira, gostaria de dizer que escrevia, desde os 10 anos de idade, poemas, brincava com as palavras e, antes de ser alfabetizado, já dialogava com as plantas – descobri a precocidade de minha infância com Octavio Paz. Mas eu apenas escrevia, era – digamos – um escrevente. E como sempre gostei de ler e era considerado diferente por minha paixão pelo estudo, o destino ao curso de Letras se fazia inevitável. Mas a frase dita em algum momento do curso alcançou eco anos mais tarde. E aí que a Universidade generosa me acolheu e testemunhou muitas mudanças. Durante o curso, conheci o que era paixão, não apenas o tesão, mas a magia de se enlaçar em energia, magnetismo, saber que uma pedra pode se transformar efetivamente em pluma. E a generosidade da perda, da entrega à ígnea falta, da ruptura narcísica e da ponte rumo ao desfiladeiro... Afinal quem, um dia, não atravessou a rua sem olhar para os lados? A experiência e a bagagem são importantes mecanismos para se chegar às camadas mais profundas de textos. Aprendi com a dor e vislumbrei novo parto num paradoxo de urgência – a vida pulsava e me impelia... jamais esquecerei este momento.

Quanto à segunda frase, concordo com ela e admito a coragem da exposição, embora apenas crescente que existem homens-femininos e mulheres-masculinas. Melhor dizendo: não se conhece, *a priori*, os desejos de homens e mulheres e quem sabe burlar o Imaginário e o Simbólico deixa gozar o Real. Deixar que o múltiplo que nos forma possa emanar e atualizar nossas mais variadas tendências na liberdade da escolha incondicionada de nossos objetos de amor. Hoje, considero-me escritor e concordo que a Literatura sem a experiência se perde, mas o pulo-do-gato ocorre quando o texto é feito de sangue, suor e esperma, e aprisiona o tempo presente, emociona e faz pensar em nossas pegadas... Eu diria que me entreguei à UFF, como um suicida ao Mar...

# O outro lado da poça

*Lays Cruz Conceição\**

Esta cena lembra-me *Guerra dos Mundos*. Todos parados a olhar numa mesma direção à espera de algo ou alguém, ou simplesmente olhando. Mas deixa pra lá, o Spielberg não é dos meus favoritos... Que barulho horrórico! Parecem pessoas gritando. Se matassem alguém aqui, enquanto ela chega, ninguém ouviria os pedidos de socorro.

Ela encosta enfim. As portas se abrem. As pessoas correm, ou andam depressa, como se a vida delas dependesse disso. Mas há poucas pessoas. Bem, pelo menos não há o suficiente para que alguém viaje pendurado na lateral dos assentos. Mesmo sem querer, acabo andando mais rápido também. Do Café da Barca vem um aroma reconfortante de café. Café é uma bebida horrorosa, mas tem um bom cheiro. Fico de joelhos e olho para Niterói. Que engraçado é vir aqui sozinha, pela primeira vez. Olho para os lados e ninguém parece reparar que, dessa pequena viagem, depende a minha vida.

Talvez todos aqui estejam acostumados a viajar de um lado a outro dessa poça. Ou talvez a vida de alguns deles também esteja em jogo. Mas como saber? Tem tanta gente no mundo, tanta coisa que acontece agora. Vida, sonho, desejo, sorriso, amor, carinho, alegria, satisfação, orgasmo, briga, dor, choro, pena, solidão, grito, silêncio, morte. Dúvidas? É isso que eu vivo agora. Meu coração bate na garganta, e o mundo parece mais lento e mais rápido. Acho que essa barca nunca demorou tanto para sair. Olho novamente para o horizonte. Há lá algumas nuvens... Espero que não seja uma

\* Aluna do terceiro ano do ensino médio.

simbologia do mundo para mostrar que o meu sonho morreu. Cruzes! Quanta prepotência! Até parece que iriam formar-se nuvens negras no céu só para atrapalhar o meu futuro! A barca vai sair enfim! Nossa! Sinto uma grande paz interior...

Vejo pessoas que parecem estar indo para o mesmo lugar que eu. Para fazer a mesma coisa. Tudo o que eu precisava era de mais concorrência...

Mas eles têm sonhos também. Quantas pessoas vão sorrir e quantas vão para casa silenciosas, chorar na solidão trancadas no quarto?

Estou ficando triste. Será que eu tenho capacidade para tanto? Ou será que o que eu sou não é suficiente? Para que tantas perguntas? Por que tudo é tão incerto? Por que eu tive de aprender coisas que simplesmente não me interessam e que não me fizeram melhorar como pessoa? Só estão aqui, a encher meu cérebro, impedindo que aquilo que realmente é relevante faça parte de mim. Conhecimentos imperfeitos.

Vou queimar meus livros assim que voltar para casa. Os da escola, claro. Ler é a melhor coisa do mundo. Não há melhor sensação do que ler algo e rir, e chorar, e sofrer, e se chocar, e se espantar. Gostaria de fazer muitas adaptações de livros. Como Kubrick e muitos outros, mas eu prefiro Kubrik.

Enquanto me entrego a divagações totalmente prolixas, reparo vagamente nos rostos assustados e inexpressivos que estão a minha volta com diferentes expressões ao mesmo tempo. Como é engraçada a maneira como as pessoas demonstram seus temores. Num mesmo momento tantas coisas... O Universo, o mundo e a vida são completamente absurdos, não têm sentido nenhum. Mas gostaria de pensar que sim. Gostaria de ter fé, algo a que me agarrar e pedir que me conforte, que me diga que tudo ficará bem. Mas eu não tenho essa alegria estúpida. Eu estou só.

A barca pára e todo mundo sai correndo. Principalmente o grupo dos pálidos. Como se correr fosse mudar o resultado das coisas. Mas sempre pensamos assim. Começo a me apressar também, mas paro. Não quero ser mais uma na multidão.

Ponho as mãos no bolso do casaco e tento parecer o mais calma possível, como se isso fosse mudar alguma coisa. Olho as pessoas a minha volta.

Ninguém parece sentir coisa alguma. Ou será que sou eu que estou insensível devido ao medo? Mas ele deveria me deixar mais alerta e perspicaz.

Decido não pensar em nada. Pensando em nada estou. Mas pensar em nada pensar é pensar em alguma coisa. Eu deveria simplesmente tentar parar de dirigir o meu pensamento e naturalmente eu ia ficar com a mente vazia, ou será que não? Que coisa idiota para se pensar quando se está a caminho da glória ou da destruição. Glória e destruição... Quanto mais o tempo passa, mais dramática eu fico. Mente ordinária...

Vejo de longe um pequeno aglomerado de jovens. Falando assim parece que não sou como eles. É engraçado pensar que quem me vê seria capaz de dizer que sou uma pessoa como qualquer outra.

Um vento frio começou a soprar. Os cabelos das pessoas começaram a querer dançar. Fiquei em silêncio, assim como meu conhecido barbudo. Não sei o que eles pensavam, mas eu tinha consciência de que nunca ia esquecer aquilo tudo. As pessoas certamente iriam se tornar sem rosto, sem cores, sem movimento, sem sentimento.

Lembrarei tudo como um sonho sem imagens, algo como uma idéia vaga que me dará calafrios desagradáveis de prazer por ser uma boa lembrança, ou de desgosto por ser o prenúncio de um fracasso. Uma descrição de livro que não ganha vida.

Vou me aproximando lentamente do mural. As pessoas em volta puxam celulares barulhentos e coloridos, e dão boas e más notícias. Pareciam se importar tão-somente com seu resultado. Senti uma intensa vontade de findar esse suspense, pensar só no que sinto, e puxar também meu celular para falar para alguém que havia passado ou falhado.

Virei-me para olhar o mural e tentar me encontrar naquele mar de nomes.





A campainha tocou, fui atender, era minha filha que chegava do mercado, eu estava em lágrimas. Era a emoção das minhas lembranças. Abracei-a e disse: "O texto está todo prontinho aqui", apontando para a minha cabeça. Vou escrevê-lo. Mas como? Tinha que trabalhar! E a roupa que estava dentro da máquina? O almoço, como sairia? "Mãe, sente-se ao computador e escreva aquilo que sente, agora", disse minha filha, quase que ordenando. Cheia de recordações, obedeci.

Ele era nordestino, cearense cabeça-chata, como os amigos mais íntimos costumavam chamá-lo. Filho de militar. Transferido, foi morar no interior de São Paulo e, não sendo aprovado no vestibular local, cursou novamente o pré-vestibular. Desta vez, bem mais preparado, veio tentar aqui no Rio, mais precisamente em Niterói: a UFF. Foi aprovado em 3º lugar para a faculdade de Odontologia. Foi então que tudo começou... "A UFF EM MINHA VIDA" e veio para ficar para sempre, sem que eu pudesse imaginar o quanto.

Éramos jovens na década de 70, nos conhecemos, ele ainda cursava a faculdade, nos apaixonamos e nos casamos, cheios de inquietudes e esperanças que os anos nos provocavam. Como a maioria dos casais, tivemos nossos filhos, lindos filhos! Depois de vivermos longos 20 anos de casamento, infelizmente fui mais uma a entrar para o rol que encorpa a estatística dos divorciados. Sentia-me sem chão, mas neste exato momento já fazia eu parte da família UFF.

Foi nesta casa que encontrei apoio nos momentos mais difíceis da minha vida. Foram os amigos adquiridos ao longo dos anos, amizades sólidas. Uns que partiram sem querer, por conta da seleção da natureza, dessas sementes que já foram citadas: semeadas, germinadas, crescidas e que partem, assim como as idéias aqui no papel. Foram e deixaram muitas saudades!

Ah, Edith! Quantas lembranças e saudades. Você sempre com uma desculpa e um largo sorriso que me deixavam com uma única possibilidade: aceitar. Gracinha! Realmente uma graça! Sempre alegre, festiva, festeira, sorridente, receptiva. Quase que diariamente nos víamos. Nossos cafezinhos, nossos longos papos. Nas férias, valia uma visitinha para tricotarmos e colocarmos o papo em dia, sem falar daquele bolo quentinho das férias de janeiro nas idas à sua casa. A cobertura de chocolate que eu fazia para sua filha, que adorava! Quanto carinho, quantas saudades. Esteja bem, amiga.



# O que a gente leva da vida

*Vitor Padilha Mattos\**

Era uma madrugada de domingo para segunda, quando resolvi entrar na internet e verificar se o resultado do vestibular já tinha saído. Eram duas horas da manhã e ao acabar de conferir, sem me conter, acordei meu pai para lhe contar as novas. Passei! Eu tinha 17 anos e morava numa pequena cidade do interior fluminense. Naquele dia, sairia de casa logo após o ocorrido e só voltaria de manhã, bêbado de felicidade. Ninguém chiou. Eu podia! Isso foi há pouco mais de seis anos.

Lembro-me como se fosse hoje do meu primeiro contato com o IACS. Um casarão rosa, antigo, com as paredes todas descascadas, com um pequeno anfiteatro no pátio todo de concreto. Uma imagem que me causou, num primeiro momento, um misto de estranheza e decepção. Logo, porém, a gente começa a pegar afeto por aquilo e a enxergar a beleza ali presente em pequenas coisas ou momentos. Rápido, começa-se a desbravar e a usufruir aquele espaço de diversas maneiras.

As carências são muitas, motivo de várias críticas, mas ai de alguém de fora se falar mal do instituto na nossa frente! Este é um esporte exclusivamente nosso! A UFF possui deficiências estruturais e técnicas enormes. Os pisos de certas salas parecem que a qualquer momento irão ceder, tomados pelos cupins. As janelas às vezes batem tão forte, que parece coisa de fantasmas! Um ambiente que urge por reformas e novos equipamentos. Além disso, há professores que, amparados pela estabilidade, desestimulados e desmotivados,

\* Aluno do curso de Jornalismo (UFF), formado em Publicidade (UFF).



de Porto Alegre, tomando banho de chuveiro frio e sendo felizes, como poucas vezes na vida. Ah, UFF! Quantas histórias!

Lembrando tudo isso a gente até esquece os frequentes problemas de greve e os conseqüentes verões que passamos tendo aulas – que, aliás, as areias de Itacoatiara sempre fizeram questão de suavizar. Quando entrei no IACS, aluno antigo, com anos de casa, era chamado de dinossauro. Hoje, quando respondo a perguntas espantadas sobre o que ainda faço por ali, percebo que virei um.

Sempre que posso ainda vou até o *campus* do Gragoatá e sento debaixo de uma árvore, na beira da baía. Para pensar na vida, ou, simplesmente, contemplar. A vida fica menos difícil quando temos acesso a um horizonte. Poucos espetáculos são tão bonitos quanto os fins de tarde naquele gramado à beira-mar, quando o céu vai adquirindo diferentes nuances, com múltiplos tons de laranja. O verde ali presente na grama e nas árvores faz fronteira com o azul do mar, onde trafegam pequenos barcos de pescador, barcas de passageiros e grandes cargueiros. Ao fundo, a cidade grande, seus prédios altos e milhares de luzes acesas. Natureza e concreto, sossego e agito. É lindo ver o Rio de Janeiro iluminado sentado dali!

Só esta visão já teria feito a minha experiência na UFF ter valido a pena. Porém, confesso que era um quando cheguei aqui, e hoje, sou outro. A essência, o caráter, e até algumas manias são as mesmas; mas minha cultura, meus gostos e visão de mundo, não mais. A UFF me possibilitou isso. Só tenho a agradecer. Palavra de iacsiano.

# Para a UFF eu não volto

*Joedyr Gonçalves Bellas\**

Os professores-doutores, as salas de aula, as lajes negras. Os fantasmas e as sombras. Me esgueiro. Antonio Candido, Mario Barreto, Antenor Nascentes e eu olhando para a minha gaveta repleta de originais. Uma vida inteira. Querendo devanear, querendo discutir, querendo conhecer. Me. Nem tanto as teorias nem tanto o fuxico alheio.

Vida acadêmica versus escrever.

Eu nunca me senti bem naqueles corredores. No *campus*. Os narizes caminhando eretos. Aquela biblioteca imensa com suas raridades, com seus espectros sorridentes e convictos, com uma careta em cada tijolo erguido. O bandeirão. As moças e os rapazes. Seminários, monografias, as brumas que ocultavam Avalon e não me davam o poder das palavras mágicas para a minha alma. O caminho, o retorno. Ah, mamãe, eu queria um copo de chocolate bemquentinho.

Quatro anos atrás...

Um computador, uma pequena biblioteca. A minha biblioteca. Dicionários, algumas gramáticas, Clarice, Ubaldo, Alencar, Rosa, Graciliano, Eurípides, Amado, Homero, Platão, Hugo... Eu. Nós. Meio que encolhidos, meio que olhando a tela do monitor aparentemente em branco. Aparentemente. As margens, as formatações, os arquivos, as ferramentas. Me induzem, me confundem. Peço socorro. O meu pai morreu quando a Oliveti eletrônica me deslumbrava e o meu caderno fingia-se de morto e sepultado. O socorro não vem.

---

\* Bacharel em Letras pela UFRJ.

Machado de Assis sempre me espreitara, santo Agostinho sempre se intrometera na minha vida com sermões e conselhos e, quando a minha mãe não me acordava, eu perdia a hora e a primeira aula. O despertador, o tempo. As regras, as análises, a rigidez, o certo, o muito certo, o obviamente certo. Minha calça curta em alguns contos fazia parte das minhas singelas lembranças.

Aparece mais uma lata de lixo para enchê-la de papéis amassados. E, ainda, não é hora de quebrar o copo com chocolate bem quentinho da minha mãe.

Uma folha em branco. Muitos homens começaram a fazer história depois que se colocaram à frente do deserto. A aridez, a provação. O transe. A comunicação com o invisível, a inspiração, e eu querendo escrever uma crônica. Eh, computador desgraçado. UFF! Não um romance, uma novela, um conto. Uma crônica. Friso a crônica para perceberem que a crônica, na minha sincera opinião de criador, é a menor de todas as prosas literárias (me perdoe Rubem Braga), e eu com uma dificuldade enorme para escrever uma crônica. Mesmo que seja no papel e na caneta. Ah, meus pés descalços nas areias de Piratininga... Preciso da minha ignorância!

Uns quatro anos atrás, eu cismeiei que prestaria vestibular na UFF e prestei. Português-grego. Preenchi o formulário, paguei, passei e... Ainda bem que não quebrei o copo de chocolate bem quentinho da mamãe.





tempo, não havia, para os candidatos de todos os cursos, a obrigatoriedade das provas comuns de um bom número de matérias como Química, Física, Biologia e Matemática, como ocorre hoje em dia. Na época, os candidatos de todas as áreas enfrentavam inicialmente uma prova eliminatória de Português. Ela costumava cortar a chance de grande número daqueles que sonhavam com uma vaga na universidade. Depois das provas de Língua Estrangeira e Estudos Sociais, também comuns para vários cursos, vinham as provas específicas de cada área.

Vestibular para a UFF era, e ainda é, uma coisa muito séria. Por isso, no dia 3 de janeiro, sem poder conter o nervoso, eu estava no meio de uma multidão de candidatos, e entrei, para fazer a prova de Português, em uma sala do mesmo colégio onde havia cursado o ensino médio. Foram 50 questões de múltipla escolha. Não era permitido anotar as respostas, mas muitos inventavam uma forma de burlar a proibição. A minha era bem simples. No verso do cartão de inscrição, enfileirava, a lápis, com pontinhos quase invisíveis, o meu código secreto: um ponto significava a opção A, dois pontos a opção B e assim por diante. Isso tinha de ser feito com muita atenção, porque qualquer erro na ordem desses pontos invalidava todo o esforço. De modo geral, no dia seguinte o jornal publicava as questões da prova e o gabarito e já era possível saber se passamos. Naquele ano, dos 9.120 estudantes que se inscreveram para tentar uma das 2.360 vagas oferecidas nos 21 cursos da UFF, quase a metade viu seus sonhos desmoronarem no primeiro exame realizado. Para alguns, essa já era a segunda ou terceira tentativa. Assim, ao verificar os resultados nas folhas afixadas em um muro da Reitoria, e confirmar minha aprovação, contive qualquer manifestação de alegria, diante dos muitos jovens que choravam, lamentando o fracasso. Uns saíam dali com cara de festa e outros com cara de velório.

Quem continuou na corrida por uma vaga no curso de Comunicação passou pelas mesmas aflições nas provas de Língua Estrangeira, Estudos Sociais, Redação e Literatura.

Não bastava ser aprovado. Era necessário ser classificado, dentro do limitado número de vagas existentes. Tive o prazer de me encontrar no pequeno grupo de 30 alunos aprovados, que puderam

fazer a inscrição para o primeiro semestre de Jornalismo. Outros 30 ficaram para o segundo semestre.

Mas passar no vestibular foi apenas o começo dos quatro anos de minha vida em que passei por uma importante experiência universitária, no início ainda sem lugar definido, com aulas em salas da Reitoria e com professores escassos. No ano seguinte, o quarto andar do Instituto de Matemática foi cedido ao curso de Comunicação e ali seguimos até a sua conclusão, no ano de 1973.

A cada semestre, nova matrícula, havendo disciplinas que eram cursadas em outros departamentos. Logo nos acostumávamos com as diferentes siglas que deveríamos usar: GCA, GCS, GLF, ICHF etc.

Alguns colegas foram abandonando o curso, em diferentes momentos, e outros trancavam a matrícula e também sumiam das salas de aula.

Foram quatro anos ricos em novas aprendizagens e em gratificante convívio com colegas e mestres, culminando com o estágio, em um jornal da cidade.

Se as lembranças de tudo que a UFF representou em minha vida são bem marcantes, a recordação mais profunda e inesquecível é, sem dúvida, a que me reporta aos momentos do meu vestibular.

# Reminiscências do vestibular

*Waldo Fonseca Temporal\**

Seria uma vergonha não passar no vestibular pela terceira vez. E o pior: o pai, que “já estava perdendo a paciência com a vagabundagem do marmanjo”, o ameaçava com a obrigação de ter de trabalhar, caso não passasse desta vez.

O primeiro, ele fizera para Medicina e lhe pareceu boa a desculpa de que “foi o primeiro, que tinha sido só para ver como era, e que afinal de contas, como não podia mesmo ver sangue, o melhor foi não ter passado”.

O segundo foi para Engenharia. “Também só para ganhar mais experiência ainda. Felizmente não passara”, alegou. “Esses cálculos matemáticos, essas ciências exatas desprezam o emocional e desenvolvem o racional. Ficam todos uns bitolados”.

Desta vez, faria para Letras. Alardeou que esta, sim, era a sua vocação. Não só porque, segundo ele, “no corpo discente seria maior a abundância das alunas”, mas também porque considerava a Literatura como uma forma sublime de transmitir os sentimentos e conhecimentos. Estudar a Linguagem que, por expressar o pensamento, representa a alma imortal, é que seria algo digno da dedicação extrema da sua vida.

Inscreveu-se para o vestibular do segundo semestre da UFF. Era o ano de 1970. As disputas do vestibular ocorriam ao mesmo tempo que as da Copa do Mundo. Enquanto ele, solitário diante das provas, tentava se concentrar em questões acadêmicas de interesse

---

\* Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campos, exerce atividade docente na USP, Universidade Gama Filho e Universidade da Força Aérea.



líssimo galináceo que vivera, séculos atrás, num certo galinheiro da Roma antiga.

Somente no dia seguinte, vendo no jornal o gabarito da prova, descobriu que aquele “Bello Gallico” queria dizer “A Guerra da Gália”.



medo. Na semana seguinte, sumiu. Ouvi dizer que pulou do oitavo andar. Mas ninguém comentava esses assuntos.

Eu queria mudar o mundo. Nas reuniões do DA (Diretório Acadêmico), acompanhava o voto da Maria Cristina, quadro da Liga Operária. As reuniões às vezes aconteciam nos porões da Matemática. Caras assustadas, sussurrando. Cristina percorria as salas, mas só descia ao subsolo quem se achava valente. Eu me achava. O mais longe a que cheguei, na minha ousadia adolescente, foi tomar cachaça na Ponta da Areia, única mulher num bando de estudantes, entre prostitutas, marinheiros e bandidos. Aquilo era parte da minha pequena revolução contra as desigualdades e o silêncio.

O Bar Natal era parada obrigatória. Jorge Apache, Vânia, Fredi, Chico Lá, Sandra, Clóvis, João Batista, Cesinha, Cécio, Fábio, Baiano, Lígia, Lúcia, Marialva. Silêncios e excessos. Pequenas e grandes transgressões. Apache era os cigarros, a cachaça, os cigarros, a pescaria, os cigarros, o alpinismo, os cigarros, a poesia. Há pouco tempo os cigarros levaram a melhor. Mas o HIV saiu na frente, devorando os nossos sonhos e o Clóvis, e o João Batista, e o Paulo Augusto, e o Mário....

Quem sobreviveu há de lembrar daquele dia em que as manchetes dos jornais alternativos soltaram o grito: "Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós". Parei em frente a uma banca, no bairro do Cachambi, no Rio, e chorei copiosamente. As lágrimas corriam. Chorava de soluçar. Comprei dois exemplares do *Movimento* e saí correndo, antes que os agentes do DOPS passassem apreendendo a edição clandestina e empastelando a banca. O jornal contava em detalhes o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, torturado até a morte, que a imprensa oficial teimava em chamar "suicídio". Naquele outubro de 1975, em que as lágrimas havia tanto tempo contidas transbordaram, decidi que o meu filho ia se chamar Vladimir.

Muita coisa foi decidida naquele tempo. O gosto do conhaque com chocolate ficou entranhado nas tardes e noites de chuva e frio, desde que descobri o sabor na casa da Lúcia, na Gávea, ouvindo Beethoven na companhia da turma toda, dos professores Serra e Escobar, que acompanhavam as nossas farras. Na casa do Cacao,





# Sonhos e realidades na universidade

*Wanessa Silva Machado Rocha\**

Mariela conheceu Alceu no cursinho de pré-vestibular da UFF. Era 1992. Ela estava com 16 anos e terminando o segundo grau normal. Ele, com 18, terminara o segundo grau técnico em contabilidade e fazia cursinhos de informática.

Alceu preparava-se para o curso de Arquivologia, como fizera seu pai. Mariela para o curso de Letras, como fizera sua mãe.

Passar no vestibular da UFF era, para eles, um grande sonho e, juntos, acreditavam transformá-lo em realidade.

O primeiro grande dia de suas vidas fora o da primeira prova do vestibular. Após revisarem os exercícios, sentiram-se confiantes naquela etapa. E, como esperado, a primeira e a segunda provas, com sucesso, foram superadas. Mariela e Alceu conquistaram, no ano seguinte, a sonhada vaga naquela Universidade.

Alceu, que emoldurara o jornal com a sua classificação em primeiro lugar, conseguira, já no terceiro semestre, um estágio em uma grande empresa de transportes rodoviários. Organizava o arquivo funcional e digitalizava parte da documentação do setor financeiro.

Mariela passara a lecionar português, literatura e redação em um cursinho de pré-vestibular comunitário, pois gostaria que outros estudantes conquistassem uma vaga em uma boa universidade.

---

\* Formada em Letras (Português/Literaturas) e aluna da graduação (Português/Espanhol) e da pós-graduação *lato sensu* em Leitura e Produção de Texto na UFF. Aluna de Pedagogia na UNIRIO.



estivera presente em sua vida. Contou que, ainda na barriga de sua mãe, “esteve” em alguns dos encontros de seu mestrado em Língua Portuguesa, aos dois anos de idade, tornou-se aluna da creche da Universidade e, quando seu pai atrasava-se em buscá-la, ainda “assistia” a algumas das aulas de Inglês com sua mãe, que cursava, na UFF, uma segunda graduação em Português Inglês. Daí, sua vocação “genética” para as letras... E com um lindo sorriso direcionado a Mariela, disse que o *campus* Gragoatá fora, por muitas vezes, seu imenso quintal onde corria por aquela vasta grama; pulava sobre os degraus da escadaria da Biblioteca Central; cantava com os bente-vis, sabiás e os outros pássaros que por lá havia; corria atrás dos quero-queros e das corujas; brincava com os cachorros que por lá circulavam e sonhava que, assim como seus pais, estudaria naquele belo lugar. E assim, até os seis anos de idade, aquele *campus* fora uma extensão de sua casa. Agradeceu a todos os pais, especialmente aos seus, cujos nomes eram Mariela e Alceu, por, desde tão cedo, lhe terem mostrado um belo caminho que pôde com segurança trilhar. Terminou o seu discurso dizendo que continuaria a caminhar pelos trilhos daquela Universidade, pois havia outros percursos pela frente: especialização, mestrado e, mais tarde, o doutorado em Estudos de Linguagem, em uma das linhas de pesquisa orientada pela sua admirada mãe...

Mariela acordou com o som de fortes palmas que pareciam zunir em seus ouvidos. Sentada na cama, sentiu-se um pouco tonta e como que recém-saída de um longo e forte abraço fraternal. Sorriu, contudo, pois havia sonhado com a mais bela cerimônia de formatura que já vira em toda a sua vida de que, com certeza, jamais se esqueceria.



CONTO

*Aconteceu na UFF*



# Aconteceu por ocasião da UFF

*Joedyr Gonçalves Bellas\**

Primeiro semestre. Estou aflita. Nem saí hoje à noite para umas bebidas e deslizar na madrugada. Não durmo. Parece menstruação, parece sonho ruim. Desses que me decompõem. Meus pais discutem umas brigas mal resolvidas e eu fico sentada na cama. Em cima das pernas. Catatônica. Carlos me ligou, João insistiu umas três mensagens no celular (oi tosa t p í), Vera e Cristina do curso de alemão buzinaram, Paulo Henrique chegou a interfonar, e eu não me desligo das minhas neuras. Um cigarro e uma prece. Separei um caderno, ajeitei a bolsa uma dúzia de vezes, reconferi o estojo de aula, me assusto com a possibilidade do trote, alguns amigos um dia serão apenas um nome escrito na agenda. Outras possibilidades. Fechar e abrir uma porta é foda.

Segundo semestre. Eu me chamo Teça. Tenho um nome e um sobrenome, apesar do apelido. Passei tranqüilamente pelo primeiro semestre. Pensei que fossem arrancar o meu couro. Nada. As matérias vieram empacotadas e teve uma aula inaugural. Coordenadora e calouros. Letras. Português-grego não é parque de diversões. Bem-vindos. Mas. Nenhum circo dos horrores. Imagem surrada e elucidativa. Aquiles, Homero, Platão, Ártemis e os trágicos podem desentalar com um limãozinho. Merda, perdi uma grana para um trote meio

---

\* Bacharel em Letras pela UFRJ.





meu crânio e das drágeas, prescrições médicas, que eu não tomei. O resultado do encefalograma. A mãe finalmente se deixara flagrar com um garoto numa boate. Ah, meu professor...

Sexto semestre. Acordei com uma febre de danar. O inferno. A casa sem a minha mãe fica oca e sem uma trilha sonora. Meu pai não fuma, não bebe, contudo adora Álvares de Azevedo. Paixão, ídolo. As declinações latinas já carregaram um pedaço da minha vida. O amor, não me rio dele. E no espelho quebrado as imagens aparecem fragmentadas. Minha mãe. O amor para ela era prático e real como lavar uma calcinha e pendurá-la na corda. O professor.

Sétimo semestre. Estou a um passo da formatura. Teorias e mais teorias. Aprendi coisas, discuti quase nada e chorei muito na biblioteca com os livros, na solidão dos delírios que batiam na minha cara. Eu correndo pelos corredores, eu despencando das escadas. Os gritos. As bocas eram sempre enormes. O meu pai me pegando pelos braços, o professor, a minha mãe secando as lágrimas dela pelos cantos da casa. A dor suportável. Nos joelhos, nas ancas ferventes, e Paulo Henrique me tocava com a carícia dos meninos ingênuos e tolos. As mãos inibidas, o afeto quase fraterno, os beijos pedindo licença e perdão. Meu corpo estremece, minha mente levita. A alma. Das virgens que se atiram do décimo andar. O vazio, o abismo. E Paulo Henrique me penetrava tal qual o João e o Carlos deitavam sobre mim e gozavam.

Oitavo semestre. Continuo aflita. Eu vou sair como entrei. As mãos suadas, os olhos arregalados e uma vontade imperceptível de mudança. Sei o que a vida é e o que ela representa. A minha mãe, o meu pai, o meu professor, o Paulo Henrique, o João, o Carlos. Gelo e uísque. E o difícil, difícil mesmo é cuspir fora esta bala de menta.



mas a de um seio vindo em direção a uma boca. Parei tudo para me dedicar a ela. Deixei de lado um conto quase findo, detive um poema muito lírico, atalhei uma prosa feita com critério. Mudei até de estilo para me entregar a ela, ou melhor, foi ela que me fez mudar de estilo. O que era sacrifício e dor transformou-se num fluxo fácil de palavras. Elas correm com tamanha volúpia ao meu encontro que não posso me mexer daqui.

Sinto que vou exauri-la numa assentada, tal a premência desse turbilhão, tal a força que me impele sem descanso, sem descanso de posicionar um parágrafo. Não se preocupem com meus personagens, eles estão lá congelados, soltos num mesmo plano do espaço, pois o homem avançou, subiu os quatro degraus da escada numa passada, já está no saguão do edifício, a mulher ainda na frente, o elevador vazio. Não é de bom-tom interromper a narrativa e ficar explicando, a explicação mata a ilusão realista de que se nutre o leitor. Não lhe interessa se esgueirar sob estacas e andaimes, o pó caindo sobre sua cabeça, ele quer passear pela varanda, ter a visão panorâmica da Baía de Guanabara. Precisa do acontecimento livre de arcabouços fluindo diante de seus olhos. Mas como disse, a história me colheu, não me preparei e ela me vem desse jeito, desorganizada, aos trambolhões. Nem posso afirmar que haja nela acontecimento. Minha fixação é com o instante, com uma cronologia parada. É como se um rio manasse entre margens imóveis ou a chuva deslizesse pelo vidro da janela e eu escolhesse as margens e a janela. Não, não, as analogias são impróprias, não lidam com viventes, mas com matéria inânime, e cronologia parada é um contra-senso, um paradoxo que precisa ser corrigido. Em realidade, são dois relógios distintos. É como se eu colocasse um pescador em uma das margens ou enfiasse uma mulher atrás da janela. Agora sim, agora há um tempo para o rio que mana e um tempo para o homem pescando, um tempo para a chuva que canta e um tempo para a mulher cismando. Não é minha intenção vestila de condicionamentos ou contextos. Minha narrativa virá nua de fatos prévios. Não carece de roupa para se apresentar, porque para o instante não importa se o homem é casado e tem uma filha,



neutro o olhar entre homem e mulher, ele vem carregado de crimes e vícios, envolto em feitiço que remonta à origem dos tempos. Ninguém pode se atrever a discernir as conseqüências de um tal olhar, o gozo que se preliba a partir de um tal olhar, as carícias da minha pele na sua pele, o calor do seu corpo junto ao meu, minhas mãos palmeando passo a passo, a língua vindo atrás nos mesmos rastros, meus lábios nos seus lábios saciando a sede e a fome do desejo, seu sexo na minha boca, minha boca no seu sexo, meu sexo no seu sexo, seus ais se somando aos meus no mesmo orgasmo, no mesmo espasmo nossos gritos no infinito se espraiando, você meu mundo sem minuto de marcar, furto do amor no tempo do relógio... Não sei quem diz ou pensa isso ou quanto dura enquanto o elevador sobe. O que sei é que as portas se abrem, a mulher sai primeiro, segue em frente e vai para a mesa da recepcionista, o homem dobra à esquerda e vai para o gabinete do reitor.



papo, o humor sorridente do Henfil ficou trincado: o Rato tinha se esquecido de ligar o gravador. Começaram tudo de novo, mas o clima já não era o mesmo. Saíram do apartamento do Henfil, encararam um angu do Gomes na Praça XV, pegaram a barca para Niterói e Maneschy não perdoava: “Panaca.” A partir dali, além de Rato, era o Panaca.

Vivia para o *Dois Pontos*, mas tinha muito o que aprender. As aulas do Nilson Lage eram pura técnica jornalística. Carlos Henrique Escobar dissecava Althusser e Lévy-Strauss, “em última instância”. Antônio Sérgio Mendonça desconcretizava o poema-processo. Casaco era a MPB e a poesia em pessoa. Moacy Cirne mostrava que história-em-quadrinhos podia ser história. Muniz Sodré revelava o grotesco das comunicações e convidava os alunos a trocarem a leitura gentil do Caderno B pela melancólica seção de economia. Alguém propôs a criação de grupo de estudos para uma leitura cerrada de *O Capital*. Rato não passou da segunda reunião: tinha descoberto a Galáxia de Gutemberg do McLuhan.

Estava no Bar Natal na noite em que Escobar quebrou um violão na cabeça de um reacionário efílico. Mas não foi esse o evento decisivo que levou Rato a trocar as salas de aula pelos bares. Muita gente já estava fazendo isso antes dele. A aparição do sociólogo francês Georges Lapassade talvez tenha sido o estopim do desbunde. “O estruturalismo já passou de moda e vocês ficam aqui macaqueando teorias defuntas. Alguém aqui ouviu falar de maio de 1968? Está na hora de ir pra vida”, dizia o mestre gaulês. A realidade brasileira não estava nos cadernos da Civilização Brasileira e nem nos artigos da Vozes. Rato passou a freqüentar macumba, candomblé e chegou ao cúmulo de participar de um concerto de rock em Nova Iguaçu. Mergulhou no *underground* e o ponto crítico dessa fase foi o pugilato entre o Marco Aurélio e o Francisco Antônio Dória na redação da *Rolling Stones* brasileira, em Botafogo, sob o olhar filosófico do diretor Luiz Carlos Maciel. “Paz e amor”, alguém berrava enquanto o pau comia.

Rato corria atrás. Gostava de jogar conversa fora na casa do psicanalista Hélio Rosa, irmão do Noel, ouvindo Nina Simone, poe-





a solidão não dava conta das relações de parentesco, e a falta de grana não conseguia distinguir o significante do significado. “Nada melhor para curar um amor platônico do que uma trepada homérica”, alguém tinha escrito no muro da Faculdade de Veterinária. A teoria não tinha nada a ver com a prática. A lingüística não destilava semiologia suficiente para explicitar um beijo de língua. Na oração, todo sujeito era abjeto. O corpo proletário não desfilava com o mesmo tesão das meninas de Icarai.

Então Rato pegou a estrada para refazer a viagem do Che, o último profeta armado, religiosamente comemorado em todos os bares do perímetro universitário. Botou a mochila nas costas, viajou no Trem da Morte, recitou Neruda nas ruínas de Machu Picchu. Encontrou Geraldo Vandré tocando um violão de duas cordas no Chile de Allende. Havia filas quilométricas em Santiago para comprar comida. Ele viu o leite que a reação despejava no rio Mapocho coagular nos pilares das pontes. Se a sua companheira de aventura não fosse excelente atriz e soubesse chorar imensas lágrimas, ele não teria conseguido entrar na Argentina e escapar do destino de Victor Jara, o que não seria bem um martírio, mas um equívoco brutal.

Parou. Não voltou para a universidade. Deus morreu, e Nietzsche partiu para além do humano. Althusser matou a mulher e foi internado num hospital psiquiátrico. Barthes morreu debaixo da caminhonete de uma lavanderia parisiense. A peste puniu Foucault, as palavras e as coisas. O muro caiu. As bandeiras vermelhas foram herdadas por novos gerentes. O mundo ganhou uma consciência verde. O Natal fechou. E Rato é apenas mais um retirante, dá para ler o nome dele nos créditos finais de um filme chamado *Tristes Trópicos*, se você não saiu no meio, cambaleando de riso e de horror.



Na hora marcada, descemos até o DCE e lá nos surpreendemos com a quantidade de estudantes que já se encontravam na porta. Para espanto maior, um cordão de policiais fardados guardava a entrada do Diretório de mãos dadas, como fortes elos de uma corrente. Indagados, eles, abusando da ironia, diziam a todos que não haveria show nenhum, que fôssemos embora. Os estudantes não arredavam o pé, e o clima já começava a esquentar. Mais policiais chegando, mais carros do exército e outras forças se acercando do local.

Não me lembro, exatamente, mas em determinado momento, uma ordem foi dada: Evacuar!

Os policiais fecharam o cerco e, como num arrastão, foram empurrando a massa de estudantes em direção à estação das barcas. Cenas de violência. Revolta. Impotência. Fragilidade. Medo.

Não fale, não grite, não olhe. Pode parecer provocação.

Marcos sorriu no meio do nosso grupo, sussurrando, comentando a truculência dos policiais, sem entender direito o porquê de todo aquele aparato policial. Uma mão forte o pegou por trás, pela camisa. Em poucos segundos, vimos o nosso amigo ser arrastado para não sei onde, sumindo na multidão de estudantes e policiais que tomara conta da Avenida Rio Branco.

Era só o começo.

Nos separamos.

Eu e Lino tentamos em vão, em meio à turba, acompanhar o que estava acontecendo, ver para onde estavam levando Marcos. Vimos quando dois soldados o conduziram até a beira da praia. Enquanto isso, os outros colegas correram até a casa de Marcos, no Ingá, para avisar a família dele.

Em pouco tempo o pai, gerente de um grande banco em Niterói, chegou ao local. Aflito, queria saber o que se passara. Cordato, procurava conversar com os policiais, talvez percebendo a gravidade da situação. Perguntou o que o filho fizera. Eles responderam que o rapaz debochava dos policiais, que nós, os "grandes amigos", o abandonáramos no tumulto, que eles, na intenção de protegê-lo, o resgataram e o menino deveria estar são e salvo, em alguma delega-

cia, aguardando a presença dos responsáveis. Tanta desfaçatez irritou Lino que argumentou com os policiais tentando esclarecer o ocorrido, mas foi ameaçado de prisão. Lembrei-lhe que estávamos em situação desfavorável e que nem eu, nem ele teríamos, no momento, alguém que intercedesse por nós.

O pai, desesperado, percorreu conosco todas as delegacias da cidade. Nada. Ele não estava em lugar algum.

Uma sensação de vazio tomou conta de nós e o pranto inundou nossas faces, embotou nosso pensamento. Um aperto no peito nos oprimia e tínhamos a sensação de que havíamos feito algo muito errado. O olhar desolado, atônito, daquele pai acentuava a sensação de culpa.

Choramos. Onde estaria Marcos? Estaríamos vivendo um pesadelo?

Aquela seria uma longa noite em nossas vidas.

Algum tempo depois, chegou uma viatura ao local onde estávamos e do porta-malas surgiu o menino de 17 anos apavorado, pálido, mudo, de olhos arregalados, vermelhos de tanto chorar. Respiramos aliviados. Marcos estava bem, assim nos parecia.

Os dias que se seguiram foram confusos e cheios de tristeza. As aulas foram paralisadas. Quando recomeçaram, não podíamos andar em grupo, apenas aos pares, não podíamos falar sobre o que estava acontecendo; havia um clima de censura e medo no ar e o uniforme verde-oliva passou a dividir conosco os espaços da universidade. Soubemos que o DCE fora tomado e totalmente destruído, a diretoria dizimada; alguns colegas mais velhos, de outras turmas, entraram para a clandestinidade.

Marcos ficou ausente alguns dias e, quando retornou, mostrou-se retraído, nada falou sobre a experiência passada, mesmo quando abordado. Finalmente nos pediu que esquecêssemos esse episódio.

Não falamos mais, mas não esquecemos.

Ao contrário, é como se, em nós, tivesse se aberto uma porta. Para o desconhecido.

Para além daquele mundinho de dissecações, fórmulas bioquímicas, ciclos vitais, princípios ativos, células, tecidos, órgãos e

sistemas, havia um outro mundo cheio de iniquidades, de injustiças, de dominação, que nos convocava a participar e contava com a nossa energia e juventude para que pudesse ser transformado, para que pudesse ser mais igual, mais justo, mais livre.

Final de 1979. Sexta-feira. Encerramento das aulas. Quase dois mil estudantes invadem o espaço, eufóricos, cheios de orgulho e de alegria, na grande festa de reabertura do DCE da UFF.

*Em memória de Marcelo Carlos da Silva Cancela.*



tornando-se figura de respeito no *campus*. Seu tipo reservado ao extremo despertava a curiosidade dos colegas e causava um misto de admiração e constante expectativa nos alunos.

Com vasto conhecimento além da especialização, enriquecia as aulas pela amplitude das informações e irrepreensível técnica. De didática fácil, apresentava com clareza os assuntos e instava seus alunos à pesquisa, à análise, à crítica e à discussão, atuando sempre como um mediador preciso e ao mesmo tempo discreto. Os alunos percebiam essa extraordinária postura e buscavam maior aproximação, mas ele não dava qualquer chance. Era para alguns um excêntrico, para outros um maluco, entretanto gozava da admiração geral.

Para seus colegas, tinha a postura de um profissional, correto, pontual, de tratamento educado e comedido. Não aceitava convites para aniversários, festinhas ou qualquer tipo de badalação. Esquivava-se várias vezes de possíveis homenagens ou agrados, fazendo isso de forma polida sem causar constrangimento, com uma velada e irrespondível negação. No meio acadêmico, na avaliação direta de colegas e alunos, realmente ele se constituía num ser à parte.

Com o passar dos anos, em alguns raros momentos, notaram que ele era um antiamericano convicto. Nas poucas reuniões de cunho político de que participou mais ativamente, dizia que o domínio do império americano era nocivo a outros povos e ao desenvolvimento dos países periféricos. Dizia que dividiam o mundo em duas partes distintas: de um lado eles e do outro os demais. Essa postura política, aliada ao seu reservado comportamento, só aumentava aquela aura de respeito e encantamento junto aos alunos.

No meio de tudo isso, aconteceu um fato singular. Roberto, marido da irmã caçula de Gustavo Augusto, vinha sugerindo, ou melhor, insistindo para que ele participasse do restrito processo de seleção de uma grande corporação americana que buscava um diretor para assuntos latino-americanos. O que era oferecido enchia os olhos de qualquer possível candidato: 25 mil dólares mensais, assistência médica de primeiro mundo, carro com motorista para ele e outro com as despesas pagas para a família, escola seletiva para





so, de uma mediação equilibrada que conseguia sempre conciliar as partes envolvidas. Hoje, na sua festa de despedida, via-se o resultado daquela atuação com a presença de tantos ex-alunos, alguns já em posições representativas. Gustavo Augusto estava no palco junto com os demais professores, ao lado da mesa de honra que contava com o homenageado, o ministro da Educação, o governador do Estado e inúmeras outras autoridades. O celular no bolso tremeu. Ele consultou o relógio... Marcava 19 horas e 59 minutos. Sentiu pela primeira vez o peso da derrota, do fracasso e o que era pior, para uma empresa daquele país cuja política, mesmo que veladamente, ele sempre criticara. Com uma mistura de raiva, de decepção e tristeza, pegou o celular certo de que havia perdido o emprego, de que havia sido derrotado pelo Tio Sam. Ao ler a mensagem, começou a pular e gritar com extrema alegria, para surpresa dos presentes. Em razão de tanta gritaria e diante do espanto geral, o mestre de cerimônia passou o microfone para ele que, eufórico, gritava:

– Mamãe morreu! Mamãe morreu! Mamãe morreu!



E passei! Os colegas da minha cidade procuravam seus nomes entre os aprovados e não encontravam. E o meu nome estava lá! Passei na UFF! Mas como comemorar, com toda aquela gente chorando, às 7 horas da manhã, nos jardins da reitoria?

Como dizia João Saldanha, vida que segue. Fiz a matrícula, levei trote, assisti à aula inaugural, mais trotes, sempre violentos e assustadores. E comecei a me decepcionar: as aulas eram chatas e os professores, na sua maioria, mais chatos ainda. Nada se parecia com o que eu imaginava como "ambiente universitário".

No cenário nacional, notícias bombásticas: *Anunciada a abertura da Transamazônica. Fabricado o milionésimo fusca. Ações do Banco do Brasil sobem 15% em um só dia. Seqüestrado o embaixador alemão.*

Surpreendentemente, depois de sair do país cercada de desconfiança, a seleção brasileira estava dando espetáculos nos gramados mexicanos. O Brasil foi vencendo seus adversários, com Jairzinho, Gérson, Rivelino, Tostão, Pelé. As vitórias eram comemoradas com carnaval na praia de Icaraí. Fomos tricampeões mundiais. Esquecemos, por alguns momentos, as nossas agruras e sofrimentos, individuais e coletivos. A seleção brasileira foi tão arrebatadora que, dizem, até torturados e torturadores, por breves instantes, se confraternizaram.

Ainda anestesiados pela conquista, voltamos à nossa rotina de opressão, medo e desconfiança. Exilado na Itália, Chico Buarque compôs mais uma canção, *Apesar de você*, que foi proibida. "Felizes são os chilenos, que não ganharam a Copa do Mundo, mas elegeram Salvador Allende seu presidente da república", dizia Fabrício, um dos mais jovens e mais politizados alunos da nossa turma.

O currículo do curso de medicina tinha disciplinas demais, e provas e testes quase todos os dias. Sobrava pouco tempo para tentar entender o que estava acontecendo no Brasil, além do que líamos no *Pasquim* e no *Jornal do Brasil* nos intervalos das aulas. Eu dividia um pequeno apartamento com Jaime, estudante de direito, Abílio, jornalista, e Fabrício e Roberto, dois colegas de turma. Nossa "república" estava sempre cheia de gente para discutir futebol, política.



mico e sua maleta se abriu, deixando cair um revólver, rapidamente recuperado. Mesmo aqueles que não acreditavam na tese de que havia agentes do SNI infiltrados, passaram a ter mais cuidados.

Chegamos ao Hospital Universitário Antônio Pedro. Agora as coisas pareciam melhorar. O HUAP estava sempre cheio, e o clima entre todos os professores, médicos e servidores era sempre muito bom. Como a maior parte das nossas atividades era em pequenos grupos, nas aulas práticas, a turma ficou muito dispersa e a hipótese de Couto, Tavares e os outros serem agentes infiltrados ganhava e perdia forças, de acordo com acontecimentos locais ou notícias nacionais.

O novo presidente militar já estava escolhido, Ernesto Geisel. "Procuraram um honesto, não encontraram, botaram um Ernesto", brincávamos perigosamente. No Chile, a situação estava complicada: golpe militar, morte de Allende, Pinochet assume o poder. "Agora eles estão iguais a nós, e sem ganhar nenhuma Copa do Mundo", lamentava Fabrício. *O ano termina com crescimento do PIB de 14%*, informava o *Fantástico*, novo programa da TV Globo.

Chegou o ano de 1974. Quatro anos se passaram desde o vestibular, e mais uma vez o Brasil era a "pátria de chuteiras". Desta vez, perdemos. Com Geisel na presidência e Zagallo no comando da seleção brasileira, deu no que deu: o Brasil perdeu, a Holanda foi o time dos sonhos, e a Alemanha, com seu conhecido pragmatismo, foi a campeã. O país voltava à sua normalidade de um regime autoritário, porém agora com a perspectiva de uma "abertura gradual". Com o bipartidarismo, Arena e MDB, tivemos as eleições para o Congresso, com uma surpreendente vitória da oposição, que ganhou 16 das 22 vagas em disputa no Senado. Para fazer frente à avalanche oposicionista, o governo optou por manter o elevado ritmo de crescimento econômico, contrariando opiniões dos economistas, e investir na propaganda ufanista.

Nossa formatura estava prevista para junho de 1975, e a insegurança era geral. Faltavam pouco mais de dois meses. E ficamos ainda mais inseguros ao sabermos que não haveria concurso para residência médica no meio do ano. Seria a primeira vez que isso



# Bem à noite

*Alberto Soares\**

Estava no centro de Niterói, escapulindo de um texto de Jean Cocteau lido, naquele momento, na UFF, um homem habituado a só dizer a verdade. Perambulava agora no shopping. Prudente, mantinha silêncio, mas alguma coisa em sua fisionomia – um leve ríctus e um vinco marcados, paradoxalmente, não pelo cinismo mas pela candura – denunciava o tanto de verdade que trazia dentro. Quem passasse estaria sujeito, em presença do homem, a microtransformações (contágio?) só descobertas mais tarde, através de comentários feitos pelos mais íntimos:

- O que aconteceu?
- Nada, ué.
- Engraçado, você está diferente. Deu tristeza? Baixou depressão?
- Nem um pouco, muito ao contrário: fui ao shopping e comprei umas roupas ótimas. Estava precisando.
- Que bom, então.

Até que, de passagem, um espelho qualquer exibisse um rosto sem correspondência exata com a noção interna a respeito da própria fisionomia. E o principal: algo diferente, talvez nos olhos, isto é, no olhar, ou seja, lá dentro. Mas o quê? A essa altura, a mudança já teria ocorrido, e a pessoa já seria uma outra, sem se dar conta; mais íntegra, sem poder voltar atrás. Certo ladrão, depois de passar junto ao homem que só dizia (ainda que não falasse) a verdade, passou a ter arroubos de honestidade. Executivos se casaram com

\* Aluno do curso de Letras da UFF.





tiva de captar as razões pelas quais dispensava condutor. Executava uns movimentos sutis, lembrando gesticulação, de maneira imperceptível para alguém que não eu (aliás, os estudantes, no bar, tinham à sua frente pernas mais chamativas que as de um carrinho mas, se por acaso olhassem para ele, notando algum movimento, atribuiriam tal impressão aos vapores alcoólicos), e me era familiar. Por que seria familiar? Unicamente o hábito da leitura permitiu resposta; do fundo, em meio a um cipal de letras, veio emergindo na memória o contorno de um autor, até a nitidez: César Aira – eis o criador desse personagem, o carrinho não só andarilho, como também falante, pelo que me lembrava. “Ora, vai ver estão estudando o César Aira, junto com o Jean Cocteau, na UFF”, me ocorreu.

Alguns estudantes saíram do bar do Bin Laden e colocaram várias cervejas na prateleira de baixo do carrinho, que logo seguiu para a faculdade (e eu junto, curiosíssimo com o mistério). Lá chegando, adentrou uma aula de teoria da literatura, onde o professor lia em voz alta, e despejou o personagem que carregava no livro de Cocteau aberto sobre a mesa. Ato contínuo, me fez mergulhar num outro texto, antes de se abrigar num terceiro.

– E eis-me aqui, à procura da saída. Enquanto isso, vocês ficam aí tomando cerveja. Daqui a pouco o livro vai ser fechado; e eu, preso dentro dele. E vocês aí na cerveja, cervejada; cerveja, cervejada; cerveja, cervejada. Alguém pode ajudar, por favor?

Olha que, se isso for um trote, vocês vão acabar tendo não mais que um texto nas mãos – ou melhor, um cadáver nas mãos.

Ninguém ouviu, ninguém soube. Livro fechado; escuridão.

Não, não era um trote – até porque não sou estudante; quem dera fosse, e estivessem brincando comigo. Mas não, eles conheciam seus calouros. O tempo passou, depois continuou a passar – e eu aqui. Se não fosse curioso, nem teria me descoberto como personagem, e a vida iria em frente, lá fora. Por outro lado, não morri, e tomo consciência: meu destino e minha vocação estão aqui pois, no fundo, sempre desejei virar texto. Só sinto falta de ler; agora, em vez disso, me lêem. De vez em quando alguém abre o livro e pego um pouco de sol, no meio dessa noite que é meu cotidiano atual.

Já conheci alguns vizinhos: perto mora o Quincas Borba, ao lado do Quincas Berro D'água – me fazem companhia. Aos poucos, me adapto à noite contínua. Conteí aos vizinhos sobre o homem que só dizia a verdade. E também sobre o carrinho falante, cuja resposta, ao perguntar-lhe quem era, foi:

– Sou o Bem.

# Coisa de russo

*Ulisses Sawczuk\**

Armin Karamizovich chegou ao trabalho na sexta-feira e encontrou um pacote marrom sobre sua mesa. “Merda”, pressentiu. “Aí vem trabalho duro.”

No envelope estava escrito, em caracteres cirílicos, o endereço da base central da KGB, em Moscou. Isto queria dizer que a missão ali designada tinha vindo diretamente do alto comando da organização, e provavelmente era algo que ele não seria capaz de cumprir.

Armin era um parasita do Estado soviético. Tinha entrado na KGB por ser primo de um membro do alto escalão do Partido Comunista, jamais tendo tido qualquer vocação para espião. Geralmente, ficava com o trabalho burocrático de uma repartição da agência esquecida na Sibéria, o que não era muita coisa.

Mas eis que, naquela nublada sexta-feira de 1985, veio uma missão de espionagem para ele. Um inimigo político? Uma secretária descuidada? Um dirigente irresponsável?

Quem lhe teria passado a missão, ele não tinha idéia, mas aquilo mexeu com seus brios.

“Vou mostrar para eles que não sou um imprestável”, pensou Armin, enquanto abria o envelope.

O interior do pacote continha apenas uma carta, portadora da seguinte mensagem: “O cientista nuclear Pavel Kurilovich, dissidente do regime, deixou o território da URSS furtivamente há duas semanas. Informações indicam apenas que ele foi para um lugar de

---

\* Aluno do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina.



Saiu do banco e andava pelas ruas, distraído. Estava abalado.

“Parece que cheguei longe demais, e, o pior, com uma pista falsa.”

Enquanto pensava, levou um esbarrão de um homem que andava muito depressa. O homem usava uma jaqueta, em cujas costas estavam escritas as letras “UFF”. Karamizovich, que era supersticioso, viu aquilo como um sinal claro. Seguiu o suspeito, que logo entrou num beco escuro.

“Você”, gritou Karamizovich, “o que está fazendo nesse beco?”

O homem respondeu, revelando pela voz ser um jovem.

“Não é da sua conta!”

“Não é da minha conta?”, o espião tirou um revólver da jaqueta. “Fale ou leva bala!”

O jovem se abalou, e sua voz saiu trêmula.

“Calma... Eu estava apertado e vim para o beco, só isso! Mijar é humano.”

O espião percebeu que o jovem falava a verdade. Resolveu prosseguir com seu interrogatório.

“De onde você é? O que significa UFF?”

“Eu sou brasileiro, estou fazendo intercâmbio. UFF significa “Universidade Federal Fluminense”, é onde eu estudo.”

Uma universidade! Os olhos de Armin se arregalaram. Quantos intelectuais dissidentes não tinham ido para universidades? Sim, sim, os países capitalistas certamente ofereciam vagas atrativas para cientistas soviéticos asilados, fosse no governo ou nos setores de pesquisa e ensino.

“Vá embora daqui”, gritou para o garoto. “E vê se não fica aí mijando pelas ruas.”

Armin voltou para a União Soviética e apresentou o relatório de suas investigações. Seus superiores consideraram os métodos por ele usados risíveis, mas a sua suspeita tinha uma fundamentação forte. Ganhou uma passagem para o Rio de Janeiro, onde deveria encontrar e capturar Pavel Kurilovich.



“Não”, disse Paul. “Isso é coisa de russo.”

E, enquanto Zé voltava ao trabalho, colocou um cartão preenchido com caracteres cirílicos dentro do frango que recheava com tanto empenho.





com o último e mais interessante dos textos. O aluno João Barata Ribeiro foi quem o escreveu. Nele temos verdadeiramente um fato histórico que muitos desconhecem, acontecido aqui mesmo, na Universidade Federal Fluminense, intitulado pelo autor como “A revolução da palavra”.

Conta a crônica que houve na UFF uma professora de Filosofia, Sociologia e Teoria da Literatura que era considerada uma das figuras mais sábias do país nas décadas de 50 e 60. Essa professora, cujo nome era Joana Tabará, escrevera mais de 100 livros de caráter filosófico, que tinham como princípio ajudar cidadãos comuns a entenderem e conviverem bem com a realidade. Seu trabalho era bastante reconhecido e aplaudido pela elite, que a apoiava e a patrocinava. Os alunos lhe eram gratos por suas tão compreensíveis e acessíveis aulas, plenas de respostas claras, ativas e eficientes.

Certo dia, numa de suas aulas, Tabará pedira aos alunos que pegassem seu livro *O destino é uma escolha* e o abrissem na página 37. Começou a ler e comentar cada parágrafo lido:

– ...Vejam, então, que Amanda está vestindo uma blusa azul hoje, porque escolheu usar uma blusa azul e não uma blusa rosa. Da mesma maneira que uma mulher é faxineira, porque escolheu ser faxineira, pois não quis freqüentar a escola...

Nesse momento da aula – conta a história – o telhado da sala caiu sobre a cabeça da culta senhora e a fez ficar, além de muito ferida, inconsciente. Levaram-na então ao hospital e lá permaneceu em coma durante dois anos.

Quando finalmente Joana Tabará retornou ao magistério, deparou-se novamente com a turma que presenciou seu acidente. Ao mesmo tempo que eles a recebiam com alegria e palmas, ela os olhou com seriedade e frieza:

– Posso começar ou terei de esperar vocês soltarem fogos lá fora?

A turma silenciou, temerosa e aflita. Ela continuou:

– Pois bem. Se alguém tem algum livro escrito por uma tal de Joana Tabará, joguem-no fora agora.

Ninguém entendeu nada:



dia, através da palavra. Cada dia ela era uma e os alunos, outros. Cada dia aprender era aprender de verdade as mentiras e as verdades. Na última aula, conta o cronista, todos os alunos compareceram em peso para as despedidas. A professora abriu a porta sorridente e disse:

– Queridos alunos, vocês também foram meus professores. E eu espero ter feito companhia nas diferentes veredas por onde caminhamos juntos. Hoje, meu nome é Joana Tabará, e todos os outros nomes que já tive até aqui moram em mim.

P.S.: Por algum motivo que desconheço, o livro de crônicas sumiu da biblioteca. Tive, então, a idéia de registrar esse belíssimo relato, cujo original, me contam, já não tem similar.

Abraços, Giudice Rabata.



à única vaga disposta para professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense.

Recordo-me que, ao receber a notícia da aprovação, afligi-me com a imensa responsabilidade debruçada sobre mim e sorri um sorriso bastante inseguro. Aquele sorriso denunciador... foi como a expressão materializada da minha insegurança... foi também, tenho certeza, o principal motivo de alguns professores tomarem-me, por toda a vida, como figura indolente. Troquei a Literatura pela Teoria, e, ainda assim, não fui muito melhor tratada, digo academicamente, é óbvio.

Dediquei-me ao máximo. Cumpri exorbitantes cargas horárias; organizei congressos; concluí o pós-doutoramento; fui convidada a lecionar na pós-graduação; palestrei no exterior; publiquei livros e artigos; desenvolvi pesquisas... e poucos professores eram os que me consideravam, verdadeiramente, uma mulher respeitável e uma profissional capaz. Agradeço-lhes imensamente por suas demonstrações tão afetuosas de carinho e valor. Aos demais, não posso dizer que desprezo, pois seria um enorme *desaire*. Valorizo-os. Valorizava-os. E tamanho era o valor a eles dedicado que os tive de matar. Permiti-me dar cabo da vida de cada um dos sete professores que não foram educados decentemente por suas mães e puni-os por sua falta de gentileza.

O tétrico e belíssimo *campus* do Gragoatá, que é hoje uma parte da Universidade Federal Fluminense, ainda guarda sob seus jardins algumas das mentes mais brilhantes desse país. Hoje, sobre seu brilho, florescem algumas lindas espécies de madressilvas e verdejam, contentes e aparadíssimas, as gramíneas daquele solo úmido.

Certa vez, conversando com uma professora sobre o desaparecimento de dois de nossos estimados colegas, ainda pela década de 90, admiti minha sincera preocupação com "aquelas pobres almas de quem quisera Deus, eu soubesse o destino e rogasse para Ele desviá-las do caminho mal". A professora não pareceu ter saído satisfeita de nosso diálogo. Para ser sincera, também eu não me convenci da minha argüição. Talvez tenha tecido, de fato, um discurso bastante apaixonado, exagerado e cristão. Aprendi que esta espécie de dis-



# Mister Duffy

Carlos Benites\*

Dezenove horas, março de 2005. Júlio se inquieta no calor do Cinema Arte UFF, piorado pela sensação de que vestia uma beca já usada por outros sem que tivesse sido lavada. Junto dele encontravam-se professores homenageados e autoridades. Em seu colo havia um livro, *Dubliners*, de James Joyce. Abre-o e vê uma dedicatória em inglês ao primeiro dono, datada de 1954. Folheia-o e chega ao conto intitulado "A Painful Case" e lê seu primeiro parágrafo. Era uma edição rara, publicada em Londres, a ser presenteada a seu amigo que iria se formar naquele dia. Estranhou que ele não aparecera ainda. De repente, um homem vestido de modo simples desce apressado o corredor lateral e se dirige ao lado do palco e chama uma das professoras que estavam à mesa. Conversam em voz baixa. O olhar triste da professora que a seguir mira em sua direção faz com que Júlio entenda a mensagem. Memórias distantes passam por sua mente.

Meio-dia, sol quente, jovens passam pelo campo de futebol, indo e voltando do *campus* do Gragoatá. Três jovens que vinham das Barcas apressam o passo. Um deles comenta que ali onde estavam chegou a ser formada uma favela. Eles iam ao bandeirão e, quando lá chegaram, a fila ainda não estava grande. O mais velho tinha cerca de 26 anos, os outros dois no máximo 20. Enquanto esperam o restaurante abrir, o mais novo lê em uma *Veja* de poucos meses antes uma reportagem sobre a vitória da derrota brasileira na final da Copa da França. Destoando da juventude de quase todos, via-se no começo da fila uma figura meio encurvada, de cabelos brancos

\* Licenciado em Letras pela UFF. Assistente em administração também na UFF.





Assim, foi para a biblioteca estudar para a prova de História Contemporânea.

Alguns meses depois, acabou reencontrando o velho homem se dirigindo à mesma sala que ele na Faculdade de Educação. Foram juntos para a aula trocando algumas palavras. Com o passar do semestre, acabou se aproximando do Mister Duffy, e descobriu que o seu nome era Abelardo, o que só foi possível porque o professor pediu um trabalho em grupo, e ninguém se apresentava para entrar num grupo com o velho. Júlio então chamou-o para fazerem juntos o trabalho. Trabalharam duro e apresentaram o trabalho. Esses contatos serviram mais para que se criasse um clima amistoso do que propriamente para se desvendar algum mistério. Terminou o ano, e Júlio pensou que talvez nunca mais teria um contato com o Mister Duffy, já que não havia mais disciplinas comuns entre os dois cursos.

Mais dois anos e Júlio termina o curso, e em seguida é aprovado para o mestrado em História, também na UFF. Niterói tinha se tornado então sua casa. Já não voltava mais para Miracema nas férias. A bolsa que recebia o ajudava a levar o curso sem precisar recorrer aos pais. A pressão que vinha do curso e dele próprio acabaram por fazer com que terminasse sua dissertação em pouco menos de dois anos. Um concurso para professor substituto que a UFF promovia para a área de Didática em História, que exigia o título de mestre, também o apressou. Havia somente uma vaga e Júlio terminou o concurso em segundo lugar. Parecia que o mundo havia caído sobre sua cabeça. Mas tudo mudou quando soube que o primeiro colocado optara por outra vaga na UFRJ.

Júlio pegou duas turmas de alunos dos últimos períodos de História. Ao terminar sua primeira aula, quando já se preparava para deixar a sala, mais uma vez o destino o colocou em frente ao senhor Abelardo. Estava logicamente mais velho, mas para Júlio não parecia que tinha se passado tanto tempo. Seu andar estava mais lento, cabelos mais ralos, rosto cansado, braços finos e cheios de pintas. Após se cumprimentarem, Mister Duffy explicou que tinha conseguido se inscrever só naquele dia, já que havia perdido o prazo. Uma pneumonia o levava a uma internação de três semanas no Hospital



estudante da UFF? Claro que eu gosto de estudar, mas a verdade é que eu estou aqui mesmo é para ter o que comer. Terminando ou não um curso, logo faço outro vestibular. Desde que o dono do bar faleceu, passei por mais dificuldades. Um ou outro comerciante ainda me ajudam, mas vejo que, com o passar dos anos, já não são mais tão amistosos. É a mesma coisa que acontece aqui. A cada ano que passa, sinto que os alunos têm menos paciência comigo. Você deve se lembrar de como era quando estudou comigo.

Agora, Júlio estava ali no Cinema como um dos professores que seriam homenageados pela turma de História a ser diplomada. Uma cadeira vazia entre os alunos e a nota lida após o Hino Nacional confirmou o seu temor. Abelardo, Mister Duffy, não agüentou a saúde fraca e a idade avançada. As cadeiras e mesas rabiscadas do bandeirão não teriam mais o seu fiel cliente. Júlio lera no conto de Joyce que a paixão do Mister Duffy era a senhora Sinico. Talvez uma outra senhora Sinico estivesse aguardando o seu amigo Duffy em algum lugar. Pelo menos, era desse jeito que Júlio preferia pensar.



grandeza dos olhos da alma, contrastava com a do empertigado Manda-Chuva: um homem charmoso, os belos dentes brilhando no sorriso largo, os cabelos ligeiramente caindo atrás das orelhas, o volumoso membro viril em destaque sob a sunga branca, única peça a cobrir o corpo bem malhado. Impetuoso, entrava então no mundo virtual, enfrentando trincheiras dos protegidos territórios femininos a serem conquistados a cada noite... E o grito de guerra:

– Auê! Meninas, cheguei!

Inteligente, esnobando cultura e charme, Nô encantava as mulheres, enriquecendo seu harém virtual de que tanto se orgulhava, até que certa noite, encontrou Saci de Sainha, mulher de pé torcido, resultado não de abstratos pulos pelas conexões do virtual, mas por escorregão no prosaico mundo real, e que de imediato o divertiu, imaginando um Pererê feminino, mas, surpreendentemente, versada em Proust, partículas subatômicas, leis da termodinâmica e que tais. Estranhou. Gostava de mulheres sensuais, mulheres *calientes* que o faziam salivar no teclado etc., etc. e etc. e a estranha Saci lhe parecia simplória nas artes do erotismo. Uma caipira cibernética, rotulou de imediato. Mas, porque assim tinha de ser e sendo, tudo escrito desde o princípio do princípio dos tempos, conforme se lê nos livros antigos, quaisquer que sejam, foi-se ligando à Pererê capiau, as noites transcorrendo em longos papos, galáxias espiraladas, bruxaria entre os azande, presença da barata no universo lispectoriano, importância da ressonância magnética no diagnóstico precoce da psicopatia, etc. Encantava-se, mas, o que queria mesmo, qual seja, deitar e rolar gostoso com a Saci pernetta, não acontecia, o que o levava à obsessão da posse plena. Logo ele, com tantas mulheres à disposição, se fixar na enigmática criatura saltitante, qual partícula subatômica, difusa e fugidia... Ó vida... Com que estratégia chegar ao alvo, trazer ao harém a erudita Saczinha, sentir os carinhos com que sonhava, saciar os desejos já se recalcando?

E assim sendo, pesquisou, consultou sábios e astros, cruzou informações e estabeleceu parâmetros para a conquista. Que viria com a simplicidade de uma velha brincadeira infantil: bastava arremessar sobre Pererê uma peneira, mas peneira tecida com emoções



vez lhe falou de Proust, partículas subatômicas, leis da termodinâmica e que tais. Tudo muito estranho, pensava ela, diante do interesse despertado, pois sempre tinha ouvido dizer que homens virtuais só se interessavam por mulheres que os fizessem salivar no teclado, e Nô lhe parecia um perfeito cavalheiro.

E porque assim tinha de ser e sendo, tudo escrito nas estrelas, Sainha foi se ligando a Nô, as horas noturnas transcorrendo prazerosas, papos versando sobre galáxias espiraladas, bruxaria entre os azande, presença da barata no universo lispectoriano, importância da ressonância magnética no diagnóstico precoce da psicopatia, etc. Encantava-se, mas, o que no íntimo mais queria, qual seja, deitar e rolar gostoso com Nô, não acontecia, o que a levava à obsessão da entrega, logo ela, tão tímida e recatada. Ó vida... Como chegar aos carinhos com que sonhava, saciar os desejos já se recalçando? Foi quando sentiu que poderosa teia de sentimentos amorosos começava a cercá-la, mergulhando-a em conflitos de sentimentos onde real e virtual se mesclavam, gerando ansiedade nunca sequer imaginada, quando Nô se demorava, mas os momentos dos encontros lhe parecendo fugazes. E, por fim, saciados os desejos, surpreendentemente mais o queria.

Meses escorreram, Saci se recuperou, as férias chegaram e com elas o fim do curso do marido. Saci de Sainha se despediu de Nô e não mais se encontraram. No tempo real. Porque no imaginário nunca mais deixaram de estar juntos nas lembranças, revivendo momentos que acabariam por se constituírem nos mais felizes de suas vidas... Jamais desconfiaram que trabalhavam na mesma instituição de ensino, na UFF.

\* \* \*

Esta história me foi contada por meu irmão. Mas, como saber se os fatos ocorreram como contados? Desde que se envolveu num acidente de trânsito, a mente dele se confunde, por vezes chama minha cunhada de Saci de Sainha, tenta jogar peneiras imaginárias sobre ela... Uma lástima...





não lhe era estranho. resolveu subir. tocou a campainha do apartamento 802. abriram-lhe a porta. entrou e não disfarçou o que lhe ia por dentro. recebeu abraços e carinho dos amigos ali reunidos. mas seria muito difícil que eles conseguissem arrefecer-lhe o estado de ânimo.

estavam os quatro ali sentados naquela enorme sala. a conversa estendia-se como um contraponto ao canto das vozes e ao dedilhar do violão. foi quando surgiu a Proposta. no início pareceu brincadeira; logo depois tornou-se bizarra. em pouco tempo foi levada a sério e os quatro já estavam estudando-lhe o esquema. seriam simplesmente 9 assassinatos. 9 assassinatos para quatro jovens que bem poderiam ser os quatro do apocalipse; porém, apenas queriam viver em paz e realizar os seus sonhos, e nunca haviam cometido o menor crime. que belo número era este a que estavam ligados, que se fosse lido de-ponta-cabeça seria o número de Lúcifer, que é ao mesmo tempo símbolo de luz e trevas. se Hércules tinha os seus doze trabalhos, eles teriam os seus também, apesar de em menor número.

esperaram alguns dias, o suficiente para que pudessem se preparar, material e psicologicamente. as mortes começaram a acontecer. um assassinato por semana, já que o início das aulas na UFF seria apenas no segundo semestre. os assassinatos aconteceram na mais silenciosa harmonia, sem que houvesse a menor suspeita, por parte da polícia, dos verdadeiros *serial killers*. nem da polícia ou de quem quer que fosse. em pouco mais de dois meses tudo já estava resolvido. todos os corpos foram atirados do alto da ponte, durante nove madrugadas. logo após os crimes, os amigos comemoravam com garrafas de vinho chileno, fondue de queijo, ao som do techno japonês de Cornelius.

no segundo semestre, foi efetuada a matrícula dos excedentes em medicina na UFF, e logo depois começaram as aulas. com as obrigações do curso, ela se esquecera por completo do seu passado recente.

os períodos sucederam-se e tudo corria bem. muito bem... até que começaram a surgir os corpos. nas aulas de anatomia utilizam-se cadáveres para efeito de estudo, e qual não foi o seu espanto ao deparar-se com aqueles mesmos corpos que algum tempo antes,

distante na sua memória, havia ela mesmo perfurado de facadas. no semblante de cada um desses seres sem alma, enxergara a mesma feição de horror que tiveram na hora da morte. ali estavam eles para serem estudados por sua algoz. nove cadáveres.

# Prédio dos sonhos

*Álvaro Luiz Lutterback Dutra Dias\**

Precisava vir... Queria... Desejava... Sonhava...

Desço a rua... Vou seguindo... O vento de janeiro mexe com os meus cabelos grisalhos. Passo os dedos entre eles e tento em vão colocá-los arrumados. Não consigo... Deixo para lá... A sensação é de leveza, de paz... São tantos anos... Tantas histórias... Tantos acontecimentos... Passam rápido pela minha cabeça... Voam com a minha imaginação... Dou algumas passadas mais ligeiras e estou quase na Rua Lara Vilela. A emoção... O coração pulsa acelerado... A vontade, o desejo de dobrar aquela esquina me arrepia os pêlos do corpo.

Vinte anos... Talvez mais... Talvez...

A esquina ali na minha frente... Paro por um instante. Puxo o ar mais profundo... Passo as mãos na cara... Avanço como quem vai para uma decisão final. Vou... Passo por cima de uma sacola de lixo, chuto uma latinha vazia e enfim avisto a entrada do prédio do IACS. O corre-corre na calçada, o eterno vendedor de pipocas, os carros parados em desalinho, o murmurinho das conversas infundáveis... O seu olhar... Hoje tudo sossegado. Estão todos de férias... É melhor assim... Vou poder tocar naquelas paredes... Vou admirar aquele prédio antigo... Vou sentar num canto qualquer e, quem sabe, deixar rolar lágrimas densas de saudade...

Vou procurar... Procurar... Vou buscar o seu olhar castanho mel...

---

\* Aluno do curso Estudos de Mídia. Funcionário da Caixa Econômica.



terno naqueles símbolos meio apagados e tenho vontade de chegar mais perto o meu rosto para saciar essa vontade louca de reencontrar você num banco de sala de aula.

Encosto a minha face... Toco a minha pele... Procuo seu cheiro... Caço seu olhar...

Lembro das mil vezes em que subimos juntos aquela rampa de cimento. Abraçados, agarrados, correndo... Devagar, pulando pedrinhas, fugindo de aulas... Felizes por viver, alegres por estarmos juntos...

Um curso maravilhoso, descobrindo a vida, encontrando idéias novas que nos faziam refletir... Fazíamos projetos para o futuro. Eu, um grande jornalista. Você, a melhor produtora de textos de publicidade... Enfim, tudo passou, tudo se foi... Os sonhos, talvez não concretizados integralmente, nos deram força para seguir a vida, trilhar caminhos em busca do sucesso pessoal.

Íamos juntos, seguimos dia a dia, mês a mês, a nossa vida agora espremida entre dois seres. Acampamos em Lumiar, dormimos ao relento em Arraial do Cabo e dividimos um prato-feito em Ouro Preto. Nossas mochilas velhas de lona verde, algum trocado no bolso e uma vontade imensa de voar, de ir, de conhecer, de nos libertarmos... Só nós dois; bastava isso... Tomamos banhos de rio ao luar, cantamos Beto Guedes ao lado de uma fogueira e dormimos abraçados ouvindo o piar da coruja... Chutamos pedrinha na estrada de barro, escutam os causos numa birasca à beira do caminho e brincamos sério com o bem-me-quer... Fizemos a vida... Celebramos o nosso amor...

Olho de novo o prédio do IACS. Vejo as janelas grandiosas deixando o sol branco de chuva invadir as salas de aula. Você sentava naquele canto, e eu ficava quatro fileiras depois. Sempre foi assim. Não misturamos as reflexões da sociologia com a nossa paixão. Trocávamos olhares, sorrisos, bilhetes... e uma vez escrevemos juras eternas num guardanapo gorduroso de pastel.

A vida passou... A vida nos separou... A vida nos jogou em cantos opostos. Ficou o seu olhar, ficou o seu sorriso, ficou a sua pele macia tocando no meu corpo nu.

Não ouço mais a sua voz... Não sei mais de você...

Desço a rampa de cimento, passo pela frondosa árvore e, antes de cruzar as grades enferrujadas pintadas de um verde triste, dou a última olhada para o prédio dos sonhos.

Ele está lá... Intacto... Majestoso... Repleto de histórias e vestígios... Vai continuar assim... Um monumento a um amor maior...

Caminho pela rua em passos lentos... Enfio as mãos frias no bolso... Deixo o vento da tarde mexer os meus cabelos grisalhos...

Vou andando... andando...

Estou só...

# Prova de Latim

*Maria Laura Chicayban Monteiro de Castro\**

– Adalberto! A questão 3, pelo amor de Deus!!!

Em vão, Belisa implorava, já pela segunda vez, que Adalberto tivesse dó de sua situação de aluna quase em VS em Latim. Verificação Suplementar, não! Que exemplo ela daria para os filhos?

Há bem pouco tempo, já tivera que enfrentar problemas com o caçula.

– Fiquei em recuperação, sim, e daí? Recuperação foi feita pra quem, pra quem? Pra aluno, e eu sou aluno, logo posso ficar em recuperação.

– Aqui em casa, ninguém fica em recuperação! – Belisa sentenciara, ameaçadora. – Um mês sem televisão, sem *videogame*, sem sair com os amigos.

– Sem nada, né, mãe? Só por causa de uma recuperaçãozinha besta.

O filho menor, que não queria nada com a escola, já se pronunciara quanto à validade de ficar em recuperação, e cresceria diante da mãe reprovada na faculdade:

– Mãe, você ficou em recuperação???. Então, se você pode, eu posso também!

Mas, a bem da verdade, ele estava certo. Recuperação era para aluno, ele era aluno e, portanto, tinha o direito inalienável de ficar em recuperação. Mas ela era MÃE! De início, mãe já não com-

---

\* Bacharel e licenciada em Letras (UFF), pós-graduada em Literatura Portuguesa (UFRJ). Assessora da Comissão de Projetos Culturais Incentivados, da Secretaria de Estado de Cultura.





E Rogério foi se afastando. Lógico que ele sabia que estava acontecendo alguma coisa ali, mas confiava em nós. Na sua sabedoria, intuía que se tratava mais de uma conferência de resposta que propriamente de uma situação de cola.

– Não disse que ele ouviu a gente se falando? – Adalberto quase chorava.

– Não quero nem saber. Cinco minutos! – Belisa, olhos fais-cantes.

Na UFF éramos uma referência de equipe, da qual Belisa e Adalberto faziam parte. Em todos os trabalhos, estávamos juntos e tínhamos a certeza de que se um de nós falhasse, outro já estava por perto para socorrer. Formávamos uma equipe de companheiros, de amigos, a família de um era também a família de todos. E havia, dentre outros tantos professores exemplares e amigos, a figura emblemática de Rogério. Desde garoto de colégio, fora destacado como o melhor em Português, em Grego e em Latim. Nesse nosso tempo, na UFF, por determinação do Ministério da Educação, Rogério foi obrigado a prestar prova, ele, que havia ingressado no magistério universitário por puro mérito. Que orgulho para nós, seus alunos, ouvir do presidente da banca que ali não havia ninguém apto a avaliar seu trabalho, porque ele era o melhor. Nesse dia, todos nós da equipe choramos. E Rogério, além de ser o melhor, era nosso amigo.

– Cinco minutos! Chega! A questão 3!

– Espera!

Belisa não arrancou a prova de Adalberto, porque ela estava bem presa embaixo de seu braço. Mas ela tirou sua sandália de salto plataforma e a colocou sobre a prova dele. E aí ele entendeu que a resposta da questão 3 era mais que necessária. Rapidamente trocou de prova com ela. Belisa viu a resposta e desfizeram a troca. A paz voltou a reinar na sala e na família de Belisa.

– Aqui em casa, ninguém fica em recuperação!

Quero acreditar que nenhum momento na UFF foi melhor que aquele em que estivemos juntos. E basta nos encontrarmos que nos colocamos logo em recuperação, mas de nossos amores.



Segundos após, a porta se abriu e um rapaz portando uma bengala metálica entrou. Pelo silêncio imediato que invadiu o ambiente, deveria ser o rapaz a quem o professor chamara. A bengala que trazia consigo era dobrável, indicando que deveria ser deficiente visual. Rompeu o silêncio que pairava sobre a turma com um sonoro boa-noite, fazendo com que uma bonita voz enchesse a sala. Alguns responderam, inclusive eu, outros não. Manoel, era este o seu nome, sem auxílio da bengala, procurou uma carteira vazia e eu, imediatamente, recolhi a bolsa que ocupava o lugar ao meu lado. Ele agradeceu, parecendo me enxergar, o que me deixou confusa em relação à sua visão.

O professor iniciou a aula e eu me esmerei nas anotações sobre quase tudo o que falava. Manoel parecia ver o que eu escrevia, pois seu rosto se mantinha voltado para mim. Em determinados momentos, me pedia para incluir alguns comentários, ao que eu, pela seriedade que sua voz transmitia, atendia. Quase nenhuma colocação do professor, categórico e firme, deixava de ser acrescida das observações do meu novo colega.

Ao final da aula, enquanto eu me preparava para ir embora, ele perguntou meu nome.

– Márcia.

Sem combinarmos nada, caminhamos até a estação das barcas onde ele se despediu. Fiquei observando-o pagar a passagem e entrar na estação, sem saber se de fato era deficiente visual. Essa caminhada se repetiria durante os dias em que estudamos juntos.

Começamos assim uma amizade que marcaria para sempre a minha vida.

Na semana seguinte, ao chegar, já encontrei o meu novo amigo sentado no mesmo lugar da aula anterior. Havia um lugar reservado ao seu lado, que ele se antecipou em me oferecer. Fiquei nervosa e senti meu rosto queimar, pois houve um certo rebuliço na turma que nos observava. Entre lisonjeada e constrangida, me sentei e ouvi um suave “boa-noite”. Manoel sorriu para mim. Em todas as aulas que se seguiram, ele guardou um lugar para mim, ao seu lado.



Certa noite, encontrei Manoel visivelmente nervoso em razão de uma paralisação do corpo docente. Não haveria aula durante a semana, e ele se comportou de um modo como eu jamais havia visto: nervoso, ao ficarmos a sós no corredor, atirou longe a bengala que sempre trazia consigo. Assustada, recolhi o objeto e lhe devolvi.

Argumentei que não havia razão para uma explosão daquele porte e ele finalmente me falou da deficiência visual que insistia em se agravar, lhe criando grandes dificuldades.

Sua voz ficou embargada ao falar da amargura que sentia por não poder ler... Naquele momento, percebi toda a fragilidade que lhe dominava a alma. Deixei que falasse até se acalmar. Em dado momento, segurou uma de minhas mãos e agradeceu por tê-lo escutado.

Perguntei se não havia nenhuma possibilidade de recuperar a visão, e ele me disse que estava aguardando uma resposta de médicos russos e que seria essa sua última chance.

Seu semblante mudou ao pronunciar a última palavra, e imaginei a dimensão da ansiedade que sentia...

Antes de nos despedirmos, ele me pediu para dar notícias sobre o movimento grevista da UFF e insisti para que eu lhe telefonasse no final de semana. Precisava me dizer algo. Estranhei a sua insistência, mas nada perguntei. Tive vontade de abraçá-lo, mas temendo provocar tanto nele, quanto em mim, uma confusão sentimental ainda maior, apenas me despedi com um "até breve". Antes o tivesse abraçado...

Hoje entendo a razão da angústia que senti ao me despedir. Dizem que almas amigas ficam sintonizadas e captam os sentimentos umas das outras. Não tenho certeza, mas prefiro acreditar que naquele momento estivéssemos mesmo sintonizados, pois algo me dizia que não tornaria a vê-lo...

Confusa e com medo de melindrar a nossa amizade, não telefonei conforme prometido. Mas a minha consciência não me deixou em paz. Fiquei ansiosa, triste e perturbada: algo me incomodava e me incitava a falar com ele. No domingo à noite, não suportando a ansiedade, decidi telefonar. Ninguém atendeu.







voltada para os fundos do prédio, para a mata, e estava havia muito fechada. Não era um problema só da jovem Viviane, ninguém naquele andar, ou mesmo no prédio inteiro, gostava daquela sala. No entanto, seu chefe mandou que lá entrasse e buscasse um certificado de uma semana de monitoria de anos atrás, que um aluno não tinha recebido, e, por azar de Viviane, viera buscar.

E lá ela entrou, naquela sala transformada em pseudo-arquivo, empoeirada, com caixas e gavetas de arquivos largadas. Algumas vidraças estavam quebradas e um vento frio vindo do mar fez Viviane estremecer. Embora fosse uma novata, ela sabia da má fama daquela sala que ninguém queria ocupar, e que era apenas usada como depósito. No entanto, ela ainda não sabia exatamente a causa do medo, dos sinais-da-cruz constantemente repetidos pelos funcionários que nela tinham que entrar, ou do toco de vela apagado em cima da mesa, dos quatro crucifixos na parede e algumas imagens de santos espalhadas. Curiosa, Viviane resolveu perguntar o mistério da sala. Ninguém sabia explicar com detalhes o que era, mas, segundo o boato lendário que circulava no andar, um espírito freqüentava a sala.

– Freqüentava?! Um espírito?! – Viviane perguntou assustada.

– Freqüenta, o que é pior... – respondeu o chefe. – Achou o certificado da semana de monitoria do aluno, afinal?

Não, ela não tinha encontrado, e teve de voltar para buscá-lo. Reentrar na sala tendo total ciência das razões de sua má fama foi muito pior do que antes. Percorreu o corredor trêmula, e começou a fazer parte do grupo de funcionários que só entram ali fazendo o sinal-da-cruz. Mais uma vez, o vento frio lhe gelou a alma, e o medo foi tão grande, que Viviane caiu desmaiada sobre a cadeira empoeirada da sala.

Desacordada, ela começou a ter um sonho, via uma mulher que não se assemelhava com um fantasma, parecia uma faxineira uniformizada. A sala empoeirada foi ganhando um papel de parede antiquado, mas chique. A cadeira era uma poltrona de veludo verde. Ela se levantou e correu para fora da sala, viu que o corredor tinha tapete vermelho e a distribuição das salas estava bem diferente. Entrou em uma delas e a primeira coisa que fez foi olhar a janela, era noite. A iluminação da praia de Icaraí estava precária, mas o mar

continuava calmo e enegrecido pelo manto negro do céu. Só a lua nele refletia-se. Viviane olhou bem e percebeu que a praia de Icarai não tinha nenhum prédio, só algumas casas e casarões. Carros dignos de museu paravam diante da reitoria, e a sala da PROAC tinha agora uma cama, um armário de mogno e um banheiro luxuoso.

Desesperada, ela saiu dali e correu pelas escadas, agora amplas, de mármore branco e com igual tapete vermelho no centro. Chegou ao *hall* de entrada da reitoria e viu algo que parecia ser uma gravação de minissérie de época. Roletas, mesas de carteadado, senhores de terno, alguns até de cartola. As mulheres de rendas, brocados, sedas, estolas de arminho e outros bichos. O salão de jogos encontrava-se no espaço ocupado atualmente pelo Cine Arte UFF. E onde hoje é o teatro, Viviane deparou-se com o Grill Room, um salão de jantar onde aconteciam shows. Ali, um cartaz colado num mural de borda dourada anunciava: "Hoje, Virgínia Lane, a vedete do Brasil!". Viviane chegou à conclusão de que aquele prédio não era mais a reitoria da UFF, era o Cassino Icarahy. Para confirmar, foi ao jardim, e lá encontrou a torre cilíndrica bem no centro do terreno, parecia até um pequeno farol.

Uma mulher tocou o seu ombro, Viviane virou-se e teve a certeza de que aquela era o tal fantasma que freqüentava a salinha do final do corredor da PROAC. Essa certeza ela teve ao ouvir a primeira frase da mulher:

– Preciso de paz.

Viviane tremeu e pensou que iria desmaiar. Desmaiar outra vez? Talvez isso a acordasse de fato, ela pensou. Mas a mulher prontamente continuou:

– Aquela mulher ali, na calçada, entrando no jardim, eu quero que você a siga. Ninguém a consegue ver, você não encontrará problemas. O que vier a acontecer, já aconteceu: é inútil desesperar-se ou tentar interferir. Apenas observe e busque aquilo que me trará paz.

Viviane olhou bem para a moça de vestido vermelho e colar de rubis que adentrava o jardim francês do cassino, era a própria mulher que ali com ela conversava. Antes que a mulher misteriosa desaparecesse no ar, como veio a acontecer, Viviane lhe perguntou o nome. "Gilda", ela respondeu antes de esvaecer na bruma da noite.



andar em que trabalhava. Limpou o rosto e nem pediu licença ao chefe para sair mais cedo. Tomou um ônibus que ia para o Castelo e desceu na Biblioteca Nacional. Usou a internet para saber em que ano Virgínia Lane havia se apresentado em Niterói: 1945.

Foi à sessão de periódicos e pediu para ver o jornal *O Globo* de 1945. Passou a tarde inteira até encontrar na sessão policial a notícia do assassinato. Depois achou outras notícias que informavam que o assassino não fora encontrado, algumas publicadas meses após o assassinato. Em uma delas, o jornal dizia que o assassino, o mesmo que levava o colar de rubis consigo, não conseguia ser descoberto pela polícia porque, na certa, se livrara da jóia, anteriormente tão desejada. Foi então que Viviane pensou em algo: Fabrício deve ter se livrado do colar dias após o crime, com medo de ser pego pela polícia. A moça já imaginava até onde ele poderia ter enterrado o colar, mas só aumentou suas suspeitas quando leu uma notícia de dezembro de 1945: "Principal suspeito do assassinato suicida-se com revólver". Ele deve ter enterrado o colar onde a matou, ou próximo, intuiu a funcionária da UFF.

Teria de arranjar uma boa desculpa para o chefe para explicar a fuga do dia anterior e o sumiço do presente dia, porque lá estava Viviane na reitoria da UFF na manhã seguinte, não para ir ao trabalho, mas para olhar bem para o prédio e imaginar onde estaria o colar. Um vento frio veio das laterais do prédio, a mata dos fundos estava dançando ao vento. Até o gato apareceu correndo lá de trás com olhos assustados. Viviane entrou na mata escura atrás do prédio e não demorou a encontrar uma caixa velha e mofada com o colar dentro. Foi à praia e jogou o colar no mar calmo de Icaraí. Sabia que assim traria a paz à Gilda e a seu pacato andar, de que tanto gostava.



pela manhã. Sempre 7h30. Precisaria voltar aos banheiros por volta das dez.

Faltando cinco minutos para as oito horas, a maquiagem já tinha sido retocada; o cabelo, voltado para o lugar; as luvas, retiradas; o uniforme, dado lugar à roupa impecavelmente limpa. Nos pés, um salto alto que trazia todas as manhãs na bolsa. Às oito em ponto, já estava em sala, dando sua primeira aula de sintaxe. Era metódica e constante. E suas aulas tão boas quanto a limpeza dos sanitários. Suas tarefas eram simples, mas requeriam grandes habilidades. Perambular ante os olhos desatentos de universitários, mestres e doutores, era a parte mais fácil. O sol facilitava embaçando os olhos e a cor de formiga dificultava o destaque daquela postura erezíssima. O salto era o que lhe desfazia a cor de formiga. Vassoura e pá eram carregadas de um bloco a outro, afinal de contas, o banheiro precisaria ser eventualmente limpo.

Em vez de desculpar-se por sua arrogância, punia-se todas as manhãs.



com profundidade e crença, uma pregadora da palavra do Senhor num ponto de ônibus qualquer. Seus alunos se afeiçoavam por seus objetivos, admiravam sua tenacidade, agradeciam veladamente por ela se importar com suas almas, e só. Assim, a professora contava quinze anos falando a transeuntes que iam e vinham, que sabiam poder alcançar a verdade maior, mas só praticavam o que lhes convinha. Ah, ser humano, quanta decepção! És maior, muito maior! Ainda assim, nunca chegou a abater-se, e o fervor era o mesmo de tantos e tantos anos atrás, a certeza de que, um dia, alguma coisa aconteceria. Aconteceu.

Como são chatas as matemáticas. Mas úteis. E pela primeira vez passou a usar os números para fazer chamadas. Sim, queria distância, queria reduzir aqueles nomes ao elemento que tangenciasse o nada. Havia um só nome a perturbar-lhe o sono, mas sua posição de líder impunha um sacrifício democrático. O nome era impronunciável, e jurara que aquilo não voltaria a embaracá-la na frente de todos. Uma folha de papel com palavras era cheia de idéia, mas reduzir aquelas palavras a números era quase como amassar essa mesma folha, até que assumisse a forma de uma minúscula bolinha, e pô-la de lado. Naquele cantinho, as traças haveriam de dar-lhe um jeito, ou mesmo isso nem fosse necessário, já que, deslocada do campo de visão, o tempo se encarregaria de esquecer algo tão desprovido de significado. Era mais uma bolinha de papel. Nada.

Seus alunos, por toda a vida acadêmica adaptados ao tratamento de rebanho, não chegaram a sentir-se ofendidos. Aliás, humanos devidamente condicionados dão ótimos rebanhos. Não precisam ser diretamente ferreteados, bastando marcar-lhes a mente pela repetição, usando a inteligência, própria da espécie, contra si mesma. Os transeuntes da vez não notaram, pois, qualquer desprezo advindo daquela professora. O que não puderam deixar de notar era sua peculiar incapacidade de pronunciar o número cinco. Invariavelmente tremido, ou gaguejado, ou as duas coisas. Claro, houve o episódio do primeiro dia de aula, aquela situação cômica ainda viva nas cabeças perversas e maliciosas, as mentes férteis em sua situação original, ou seja, não trabalhadas. E como podem ser peri-





guardara dentro de si por tanto tempo! Alguém com alguma vida além das salas de aula, alguém capaz de envolver-se com outro ser humano. E ser amada. Ah, sim, ser amada... Aconteceu? Não sabia dizer. Aí residia outra beleza das palavras: a verdade. Pois como saber a verdade quando alguém diz "eu te amo"? Impossível. Ah, ser humano, és perfeito! Seus pensamentos finalmente tomaram coragem e materializaram a pessoa para quem ela arriscaria uma verdadezinha, se lhe fosse possível. A maneira como ele a olhava, como se dirigia a ela. Não sabiam os malditos fofoqueiros que os boatos já não eram meras palavras sem alma. Claro, jamais transgrediria as regras, ou a cerca. Aquilo tudo era sujeira ainda, só o significado que trazia dentro de si era limpo, e era lindo. Jamais saberia a verdade, mas dentro de si sabia que ele a amava. Como se dedicava, como prestava atenção! Ainda chamava-o pelo número, não queria perder o controle de si. Mas começava a sentir prazer em levar a situação ao limite do possível. Provocar e provocar-se. Ser mulher.

Já saía do banho quando ouviu batidas na porta. Pôs um roupão que lhe caía dos ombros, mas voltou a aprumá-lo com toda a vaidade e recato que sabia merecer. Abriu a porta. Dez minutos se passaram até que conseguisse sair de sua inércia. Como ele teria conseguido o endereço? Convidou-o a entrar. Sentou em frente a ele. Cinco minutos de silêncio. Aquilo não era a sala de aula, e a mulher estava em seu território. Deixou cair o roupão, sabia que merecia aquilo e tudo o que viria a acontecer em seguida. Ele alcançou seu ombro com os dedos. Arrepio. Excitação? As palavras começaram a faltar-lhe. Beijo, e o significado de algumas palavras tem de ser vivido. No minuto seguinte, estavam no chão, e ela se preparava para conhecer outros significados de que sua vida lhe privara. Deitou-se de costas para baixo, preparou-se para recebê-lo. Quando viu suas pernas se antepondo a ele, emoldurando-o atrás de um V, não pode resistir. Era tudo mais que perfeito! Pôs-se a rir, não pôde controlar-se. Ele prosseguiu. Quando ela o sentiu entrar, sentiu como se estivesse sendo preenchida de tudo o que lhe faltava para ser perfeita, e o mundo ao seu redor também se preenchia. Os risos se tornaram gemidos, e risos de novo, e mais gemidos. Aos poucos, os risos

tiveram de ceder, e afinal um susto! Fechou os olhos sentindo como se experimentasse a morte sem querer morrer para valer, querendo agarrar aquele fugaz momento de inconsciência e esticá-lo até que se transformasse em eternidade.

Aconteceu. Era isso. Sim, era isso. Ele ali, seu homem, unindo-lhe as pontas da vida num círculo sensato, simétrico, cheio de sentido. Agora o corpo estava relaxado, seu rosto aliviou a tensão precedente num sorriso de novo. Como estava feliz! Malditos superlativos, tão limitados! Virou sobre si mesma, ventre contra o chão, braços abertos. Abraçava o mundo em agradecimento, e sentiu o planeta inteiro se pressionar contra seu corpo, retribuindo. Sabia que era um abraço de despedida. Sua vida acabara ali. A completude era plena, não havia mais nada a realizar, nem queria.

# Virgo Campus

*Gêisa Fernandes D'Oliveira\**

O carro entrou sem problemas. Não era uma entrada, propriamente dita, controle, cancela, segurança, nada. Alguns prédios já estavam de pé, algumas salas de aula estavam acesas, mas naquela parte o *campus* era mais um matagal semidevastado, caminhos mal iluminados. Desligou o motor. O vento trazia o cheiro intenso da baía para dentro do carro. Ela se ajeitou no banco de trás, bem no fundo, como se fosse ler na cama, antes de dormir. Foi um pouco difícil manter a cabeça erguida ligeiramente nessa posição, mas ela não queria deixar de ver o caminho. Entre o banco da frente e a porta, a nesga de visão já era suficiente para adivinhar as luzes dos prédios onde já havia aula. Algumas pessoas passavam, mas muito longe. Até lá, o caminho deserto. Ele abriu a porta, sentou-se ao seu lado. Pousou as mãos na perna dela, encostou a cabeça no ombro dela. A respiração dele era alta. Ela não gostou muito, preferia ficar ouvindo o barulho das águas da baía batendo nas pedras. Sentia frio. Como se fosse um mau agouro. Não é nada, pensou. É o tempo que vira. O frio quebrando o silêncio, a moleza do verão. E aquela luz ao fundo. Onde é? Ele respondeu enfiando a língua em sua boca. Não se surpreendeu, gostava do beijo dele, do jeito dele, da pegada. Ele beijava seu pescoço, seu colo, tentava enfiar a mão por baixo de blusa, mas era complicado, havia nós e amarrações, ele desistiu, levantou-lhe a saia, beijou suas coxas, por fora, por dentro,

---

\* Formada em História pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Pernambuco. Aluna do doutorado do Programa de Comunicação da ECA/USP.



Ela segurava seu rosto com força, esmagava a sua cabeça e sentia pena e tanta dor, já não sabia se era daquele homem, por ele, por conta dele ou por ela. Quem era quem, se ele agora dentro dela era outro, ela um outro, feito de dois, nascido ao contrário e morrendo de dor. Ela tentou pensar em outra coisa. Olhou pelo vidro, ao longe, alguns pontos brancos. As salas de aula. Em torno dos prédios, material de construção misturado à grama que, pela falta de trato, virou capim e saiu dos canteiros, ganhou as ruas entre as colunas de concreto, crescendo em cada fissura das pedras que formavam o calçamento, avançando pelo *campus*, chegando perto e mais perto. Ela sentiu cheiro de terra molhada. Vai chover, pensou. E eu não trouxe guarda-chuva. Mas não viu água. Viu algumas pessoas que saíam dos prédios. As aulas terminaram. Já é tarde. O cheiro é dele. Respirou fundo, uma, duas, muitas vezes, até ter certeza de nunca mais poder esquecer aquele cheiro.

Quando o capim entrou no carro pelos vidros abertos, espalhou-se pelos bancos da frente, tomou o volante, os pedais, os tapetes, o banco de trás, tomou conta de tudo, ela gritou. Ele falou qualquer coisa. Ela gritou novamente. Ele pensou que fosse a dor, é normal, pensou. Acariciou-lhe o rosto, beijou-o, e também seus olhos, o pescoço, seu colo. Ela continuava a gritar. Tapou-lhe a boca, mas não adiantava, continuava gritando. Ele acariciava os cabelos dela e a abraçava e cada vez era a última. Tão terno. Ela sentiu os dedos que se entrelaçavam nos seus cabelos. Muitos dedos, muito finos e já não sabia o que era ele e o que era galho. Viu a si mesma e percebeu que seus cabelos já não eram daquela cor de que ele tanto gostava, nem os olhos, nem a boca. Tudo verde, de um verde ainda mais escuro que o rosto dele, as mãos dele, o corpo dele, tudo verde-musgo, verde-planta, verde. Ele não parou mesmo assim, e ela quis beijá-lo, antes que fosse tarde e gritou mais uma vez, mas foi de prazer. Um grito mudo, abafado pelo capim e era tudo capim, mato, silêncio.



# Comissão Julgadora do Prêmio UFF de Literatura

## Poesia

**Lena Jesus Ponte:** Professora (Português e Literatura Brasileira). Sete livros publicados, entre eles *Ávida palavra* (outubro, 2007). Participações em revistas e antologias. Dinamiza oficinas de texto. Integra os quadros da Associação Niteroiense de Escritores (ANE) e participa do Grupo Mônaco de Cultura.

**Márcia Pessanha:** Professora universitária, diretora da Faculdade de Educação da UFF. Mestre em Letras e doutora em Literatura Comparada/UFF. Presidente do Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora dos livros de poesia *Borboletando* e *Fatias do Viver*, além de vários artigos em revistas literárias, antologias e jornais

**Neusa Peçanha:** Formada em Letras Clássicas, professora de português e latim e coordenadora de oficinas literárias. Sócia-fundadora da ANE, pertence à Academia Fluminense de Letras e ao grupo Mônaco de Cultura. Autora de *Canto do entardecer*, *Capim florido* e *Vindima* (poesias), além de livros de literatura infantil.

## Crônica

**Décio Mafra:** Advogado e jornalista foi editor do semanário *LIG*, do qual é cronista desde a fundação. Com crônicas publicadas em quase todos os jornais de Niterói, foi um dos fundadores da ANE. Ultimamente, tem se dedicado também à música tocando sax alto.

**Luiz Carlos Peçanha:** Desembargador, membro do grupo de altos estudos do Museu da Justiça do Tribunal de Justiça do Estado do Rio. Autor de *A casa de janelas azuis* (crônicas) e *O sonho e o vento – a história da colonização suíça em Nova Friburgo*. Pertence à ANE e ao Grupo Mônaco de Cultura.

**Roberto dos Santos Almeida:** Professor, jornalista e escritor. No jornal *O Fluminense*, é responsável por duas colunas: “Livros” (no Segundo Caderno, como Roberto Santos), e “Cotidiano” (na *FLU REVISTA*, como Fernando de Aviz). Acima disso tudo, apenas um ser humano.

## Conto

**Cyana Leahy:** Pianista clássica (ENM), graduada em Letras (UFF), mestra em Educação (UFF), PhD em Educação Literária (Universidade de Londres). Professora-adjunta da UFF, pesquisadora, tradutora, autora de 16 livros (poemas, ensaios, contos, materiais acadêmicos). Recebeu prêmios de pesquisa e literários, no Brasil e no exterior.

**Iterbio Galiano Aldrighi:** Médico (psicanalista), jornalista, escritor e mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense. Produz para a *Unitevê* (Canal 17 – NET) os programas: “Polifonia das Ruas” e “Mistérios da Mente”, com transmissões semanais.

**Sônia Monnerat:** Professora associada de Teoria da Literatura, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Literatura Comparada. Coordenadora do curso de especialização em Literatura Infante-Juvenil (UFF).





A edição desta antologia do Prêmio UFF de Literatura é um exemplo ímpar da interface que é possível se estabelecer entre a universidade e a comunidade interna e externa.

Acreditamos que uma editora universitária tem o direito e o dever de publicar todos os gêneros literários, divulgando as diferentes correntes de pensamento. Se ao longo de sua existência, a EdUFF vem-se firmando como a grande divulgadora da produção acadêmica de nossos docentes, o prêmio UFF dá agora voz e vez a poetas, cronistas e contistas.

Alunos, funcionários, professores, moradores de Niterói e de outras cidades e mesmo de outros estados estão aqui representados – une a todos a mesma paixão pela palavra e a vontade de tornar pública sua produção artística. A Universidade Federal Fluminense, por intermédio da EdUFF, orgulha-se de realizar este sonho.

*Roberto de Souza Salles*

Reitor da Universidade Federal Fluminense

ISBN 978-85-228-0454-2

